



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL -
PROEF

ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
Possibilidades de Ensino**

SEROPÉDICA
2026





ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
Possibilidades de Ensino

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Valéria Nascimento Lebeis Pires

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N972r Nunes, Anne Cristina Oliveira , 1986-
Relações étnico-raciais na educação física escolar:
possibilidades de Ensino / Anne Cristina Oliveira
Nunes. - Seropédica , 2026.
103 f.

Orientadora: Valéria Nascimento Lebeis Pires.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Mestrado Profissional
em Educação Física em Rede Nacional - ProEF, 2026.

1. Educação étnico-racial. 2. Educação física escolar
. 3. Valores civilizatórios afro-brasileiros. 4.
Adinkras. 5. Educação antirracista . I. Pires, Valéria
Nascimento Lebeis, 1969-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de
Mestrado Profissional em Educação Física em Rede
Nacional - ProEF III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta TFC/Dissertação/Tese, desde que seja citada a fonte

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de
Financiamento 001**

**This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL - PROEF**

ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
Possibilidades de Ensino**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Área de concentração em Educação Física Escolar.

Dissertação aprovada em 11 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES**
Data: 09/04/2026 21:56:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Valéria Nascimento Lebeis Pires - Orientadora – ProEF/UFRRJ

Documento assinado digitalmente
 **ALDAIR JOSE DE OLIVEIRA**
Data: 10/04/2026 17:22:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Aldair José de Oliveira - Membro interno – ProEF/UFRRJ

Documento assinado digitalmente
 **VERONICA DA CUNHA ANDRADE**
Data: 22/03/2026 18:51:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Veronica da Cunha Andrade Santos - membro externo – GEPEJA/UFRJ

Dedico esta pesquisa aos meus pais, Rosangela e Mario, que sempre me ensinaram que o estudo seria o melhor caminho a seguir. Em especial, a minha mãe que me ensinou a ser uma mulher forte, independente e livre. Ao meu pai, por ser meu fã número 1, que mesmo com muito medo sempre entendeu que eu preciso voar.

À minha Tia Carla, meu eterno beija-flor.

Às minhas afilhadas, ao meu afilhado e às minhas sobrinhas que eu possa servir de inspiração para vocês, a educação acontece pelo exemplo, eu busco sempre ser um bom exemplo.

A todas as crianças com as quais tive a oportunidade de compartilhar saberes, saibam que é por acreditar em vocês que sigo sendo professora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui, pela a fé que me guia e a força que me faz continuar. Aos meus ancestrais, aqueles que estiveram neste mundo antes de mim, deixando saberes a serem compartilhados, que eu possa honrar os seus ensinamentos.

A minha mãe Rosangela, obrigada por estar sempre comigo, por muitas vezes abdicar de você para cuidar de mim, por formar a mulher que sou, por sempre dar asas a minha liberdade.

Ao meu pai Mario Cesar, obrigada por ser meu apoio em todos os momentos. Por acreditar nas minhas aventuras, sempre demonstrando a certeza de que vai dar certo.

A minha família que muitas vezes não entende porque estudo tanto, mas respeita a minha escolha e atende a minha ausência.

A minha orientadora Valéria Nascimento Lebeis Pires, a Val, obrigada por ser calmaria na minha ventania. Por ser escuta atenta, por permitir o diálogo para a construção da pesquisa. Por se tornar amiga, aquela com quem a conversa nunca acaba e as vezes lê meus pensamentos.

Ao Prof Aldair José, agradeço por ser exemplo e representatividade, pela sua disponibilidade e generosidade, por compartilhar saberes e vivências.

A Prof^a Veronica, agradeço pelo carinho nos apontamentos, pelo entusiasmo na acolhida e sensibilidade na leitura atenta a cada detalhe da pesquisa.

A Milena Lima, minha gêmea...rs, minha companheira de orientação que se torno parceira de pesquisa e amiga do coração. Obrigada por pegar na minha mão e dizer vamos, por me atender quando eu só precisava falar para organizar as ideias. Você foi essencial na construção da pesquisa.

Aos meus amigos, a família que eu tive a honra de escolher. Obrigada por me aturar falando só da pesquisa, por entender minhas recusas e ausências. Em especial, aqueles que dividem comigo as aventuras em Paraíba do Sul, Maíra, Arnaldo, Gustavo e Flaviane, obrigada principalmente por atenderem aos meus gritos de socorro.

As minhas andorinhas, Bianca e Marcella, obrigada por se fazerem presentes mesmo distante, em cada ligação e/ou mensagem de motivação. É bom saber que tenho vocês comigo.

Ao ProEF/UFRRJ, obrigada por permitir que a professora que ama o chão da

quadra, pudesse exercer também a sua função pesquisadora.

A minha querida Turma 2024/ProEF, agradeço a todos pela partilha de saberes, pelos laços construídos, por ser apoio durante todo o curso. Em especial, agradeço aos meus Cascas de Bala: Marlon e Rodrigo, obrigada por fazerem a jornada ser mais leve e significativa, estendo meu agradecimento a Jaqueline, obrigada por dividir comigo a função de Representante de Turma, foram 2 anos de aprendizado e apoio mútuo.

Agradeço ao meu Universo da Pesquisa, a Escola Municipal Andrade Figueira, na pessoa da Diretora Georgete Carvalho da Cunha, obrigada por abrir as portas da instituição, bem como ser parceria e apoio para realização não só da pesquisa, mas de todo os projetos desenvolvidos.

Aos estudantes participantes da pesquisa, sem vocês nada seria possível, agradeço por cada momento vivido, cada atividade foi pensada com muito carinho e vocês retribuíram com entrega e dedicação. Obrigada por serem vocês!

*“Quando os caminhos se confundem, é
necessário voltar ao começo.”*
(Emicida)

RESUMO

Nunes, Anne Cristina Oliveira. **Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar: Possibilidades de Ensino**. 2026. 103f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

O estudo tem como objetivo principal propor uma intervenção sociopedagógica para a Educação Física Escolar (EFE), relacionando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros (VCAB), os símbolos Adinkra e a Educação para as Relações Étnico-raciais. Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva, com abordagem qualitativa, em forma de pesquisa-ação. Os participantes foram estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental, anos finais, de uma escola pública localizada no município de Paraíba do Sul, localizado na região do Vale do Café, do Rio de Janeiro. Foram utilizados dois questionários, sendo um sociodemográfico e outro com questões relacionadas à intervenção proposta, somado ao diário de campo, utilizado como registro de cada momento, sob a ótica da professora pesquisadora. A análise qualitativa dos dados foi realizada por meio da proposta da análise de conteúdo de Bardin (2011), organizada em três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento, inferência e interpretação. Foram analisados 35 estudantes com idade entre 11 a 14 anos, em sua maioria (82,9%) autodeclarados como negros (pretos e pardos). Por meio do relato da professora-pesquisadora no diário de campo juntamente com as respostas do Questionário 2, foi possível perceber que a intervenção sociopedagógica possibilitou desenvolver nos estudantes o senso de Identidade e Pertencimento ao associarem os Símbolos Adinkra e aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros nas Práticas Corporais. A análise dos dados nos demonstra que a Memória, a Corporeidade e o Axé - Energia Vital foram os VCAB mais marcantes, bem como o Adinkra SANKOFA. Quando perguntados sobre as Práticas Corporais com as quais eles mais se identificaram, as(os) estudantes responderam a Capoeira, a construção da Boneca Abayomi e a construção da Árvore Baobá. Ainda foi possível por meio das respostas verificar uma mudança de paradigma por parte das(os) estudantes que relataram desconstruir pré-conceitos relacionados às vivências das quais participaram. Acreditamos que a proposta de intervenção sociopedagógica constituiu uma possibilidade de ensino das Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar, levando as(os) estudantes a compreensão do seu papel social, pautado nos símbolos Adinkra relacionando-os aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros junto às Práticas Corporais.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Educação Étnico-racial; Valores Civilizatórios Afro-brasileiros; Adinkra; Educação Antirracista.

ABSTRACT

Nunes, Anne Cristina Oliveira. **Ethnic-racial Relations in School Physical Education: Teaching Possibilities**. 2026. 103f. Dissertation (Professional Master's Degree in Physical Education in the National Network – ProEF) – Institute of Education, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

The main objective of this study is to propose a socio-pedagogical intervention for Physical Education in schools, relating Afro-Brazilian Civilizational Values (ACV), Adinkra symbols, and Education for Ethnic-Racial Relations. This is a descriptive study with a qualitative approach, in the form of action research. The participants were sixth-grade students from a public school located in the municipality of Paraíba do Sul, in the Vale do Café region of Rio de Janeiro. Two questionnaires were used, one sociodemographic and the other with questions related to the proposed intervention, in addition to a field diary, used to record each moment from the perspective of the teacher-researcher. The qualitative data analysis was carried out using Bardin's (2011) content analysis method, organized into three stages: pre-analysis; exploration of the material; and treatment, inference, and interpretation. Thirty-five students aged 11 to 14 years were analyzed, the majority (82.9%) self-identifying as Black (Black and mixed-race). Through the report of the teacher-researcher in the field diary, along with the answers to Questionnaire 2, it was possible to perceive that the socio-pedagogical intervention enabled the development of a sense of Identity and Belonging in the students by associating Adinkra Symbols and Afro-Brazilian Civilizational Values in Body Practices. The data analysis shows us that Memory, Corporeality, and Axé - Vital Energy were the most prominent VCABs, as well as the Adinkra SANKOFA. When asked about the Body Practices with which they most identified, the students answered Capoeira, the construction of the Abayomi Doll, and the construction of the Baobab Tree. It was also possible to verify, through the responses, a paradigm shift on the part of the students, who reported deconstructing preconceptions related to the experiences in which they participated. We believe that the proposed socio-pedagogical intervention constituted a possibility for teaching Ethnic-Racial Relations in Physical Education at school, leading students to understand their social role, based on Adinkra symbols and relating them to Afro-Brazilian Civilizational Values along with Body Practices.

Keywords: School Physical Education; Ethnic-racial Education; Afro-Brazilian Civilizational Values; Adinkra; Anti-racist Education.

RESUMEN

Nunes, Anne Cristina Oliveira. **Relaciones Étnico-raciales en la Educación Física Escolar: Posibilidades de Enseñanza**. 2026. 103f. Tesis (Maestría Profesional en Educación Física en la Red Nacional – ProEF) – Instituto de Educación, Universidade Federal Rural de Río de Janeiro, Seropédica, 2026.

El objetivo principal de este estudio es proponer una intervención sociopedagógica para la Educación Física Escolar (EFE), relacionando los Valores Civizacionales Afrobrasileños (VCA), los símbolos Adinkra y la Educación para las Relaciones Étnico-Raciales. Se trata de un estudio descriptivo con enfoque cualitativo, en la modalidad de investigación-acción. Los participantes fueron estudiantes de sexto grado de una escuela pública ubicada en el municipio de Paraíba do Sul, en la región del Vale do Café de Río de Janeiro. Se utilizaron dos cuestionarios, uno sociodemográfico y otro con preguntas relacionadas con la intervención propuesta, además de un diario de campo, utilizado para registrar cada momento desde la perspectiva del docente-investigador. El análisis cualitativo de los datos se realizó mediante el método de análisis de contenido de Bardin (2011), organizado en tres etapas: preanálisis; exploración del material; y tratamiento, inferencia e interpretación. Se analizaron treinta y cinco estudiantes de entre 11 y 14 años, la mayoría (82,9%) autoidentificados como negros (negros y mestizos). A través del relato de la profesora-investigadora en el diario de campo, junto con las respuestas al Cuestionario 2, fue posible percibir que la intervención sociopedagógica posibilitó el desarrollo de un sentido de Identidad y Pertenencia en los estudiantes al asociar Símbolos Adinkra y Valores Civizacionales Afrobrasileños en las Prácticas Corporales. El análisis de datos nos muestra que Memoria, Corporeidad y Axé – Energía Vital fueron los VCAB más destacados, así como el Adinkra SANKOFA. Cuando se les preguntó sobre las Prácticas Corporales con las que más se identificaron, los estudiantes respondieron la Capoeira, la construcción del Muñeco Abayomi y la construcción del Árbol Baobab. También fue posible verificar, a través de las respuestas, un cambio de paradigma por parte de los estudiantes, quienes relataron haber deconstruido preconcepciones relacionadas a las experiencias en las que participaron. Creemos que la intervención sociopedagógica propuesta constituyó una posibilidad para la enseñanza de las Relaciones Étnico-Raciales en la Educación Física en la escuela, llevando a los alumnos a comprender su papel social, a partir de los símbolos Adinkra y relacionándolos con los Valores Civizacionales Afrobrasileños junto con las Prácticas Corporales.

Palabras clave: Educación Física Escolar; Educación Étnico-racial; Valores de la Civilización Afrobrasileña; Adinkra; Educación Antirracista.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Adinkra no Universo da Pesquisa	28
Figura 2 - Onipotente e Imortal, Adinkra Asante	29
Figura 3 - A Catedral, Adinkra Sankofa	30
Figura 4 - Valores Civilizatórios Afro-brasileiros segundo Azoilda	31
Figura 5 - Baobá dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros segundo Silva	34
Figura 6 - Fachada da escola	37
Figura 7 - Pátio Central da escola	37
Figura 8 - Honrando a Ancestralidade	39
Figura 9 - Apresentação da Pesquisa as(aos) Estudantes	40
Figura 10 - Construção do Baobá	40
Figura 11 - Adinkra SANKOFA	43
Figura 12 - Encontro SANKOFA - Momento 1	44
Figura 13 - Encontro SANKOFA - Momento 2	44
Figura 14 - Encontro SANKOFA - Momento 4	45
Figura 15 - Adinkra OSRAM	45
Figura 16 - Encontro OSRAM - Momento 1	46
Figura 17 - Encontro OSRAM - Momento 2 - Atividade 1	46
Figura 18 - Encontro OSRAM - Momento 2 - Atividade 2	47
Figura 19 - Encontro OSRAM - Momento 3	48
Figura 20 - Encontro OSRAM - Momento 4	48
Figura 21 - Adinkra Encontro Nea Onnim No sua A, Ohu	49
Figura 22 - A Artesã Lena Martins e suas criações	49
Figura 23 - Encontro NEA ONNIM A SUA, OHU - Momento 1	50
Figura 24 - Encontro NEA ONNIM A SUA, OHU - Momento 2	50
Figura 25 - Encontro NEA ONNIM A SUA, OHU - Momento 3	51
Figura 26 - Encontro NEA ONNIM A SUA, OHU - Momento 4	51
Figura 27 - Adinkra ODO NYERA FIE KWAN	52
Figura 28 - Encontro ODO NYERA FIE KWAN - Momento 1	52
Figura 29 - Encontro ODO NYERA FIE KWAN - Momento 2	53
Figura 30 - Encontro ODO NYERA FIE KWAN - Momento 4	53
Figura 31 - Evento Nosso Adinkra	54
Figura 32 - Fluxograma da Categorização do Questionário 2	55
Figura 33 - Infográfico das Respostas do Questionário 1	57
Figura 34 - Meu Baobá, minha ancestralidade	61
Figura 35 - Ela parece comigo	65
Figura 36 - Infográfico das Respostas do Questionário 2	67
Figura 38 - Baobá dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conteúdo Programático da Intervenção Sociopedagógica **Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEP-UFRRJ – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

DCNERER – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

EFE – Educação Física Escolar

ERER- Educação para as Relações Étnico-Raciais

Ipeafro - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PPP- Projeto Político Pedagógico

ProEF – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física

RER – Relações Étnico-Raciais

SEPPIR – Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da igualdade Racial

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TAI – Termo de Anuência Institucional

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEN - Teatro Experimental do Negro

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Sumário

PREÂMBULO - A TRAVESSIA.....	15
1. ESCOLHENDO O FRUTO - Pensando a Educação para as Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar	20
1.1 Objetivo	22
1.1.1 Objetivo Geral	22
1.1.2 Objetivos Específicos	22
2. PREPARANDO O TERRENO - Resgatando saberes	24
2.1 A Educação para as Relações Étnico-raciais: Documentos Suleadores	24
2.2 Símbolos Adinkra: Tecnologia Ancestral	27
2.3 Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Física.....	31
3. SEMEANDO SABERES - Processo de Plantio	36
3.1 Universo da pesquisa.....	36
3.2 Participantes da Pesquisa	37
3.3 Aspectos Éticos	38
3.4 Materiais e Métodos	40
3.5 Procedimentos para a coleta de dados	41
3.6 Procedimentos para a análise de dados.....	54
4. CONTEMPLANDO O BAOBÁ - Momento de Reflexões.....	57
4.1 Perfil Sociodemográfico	57
4.2 Sobre a Intervenção Sociopedagógica	59
5 COLHENDO OS FRUTOS - Nosso Adinkra: O jogo	69
6 PLANTANDO NOVAS SEMENTES - Uma Nova Estação	72
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE A	77
APÊNDICE B	78
APÊNDICE C	84
APÊNDICE D	86
APÊNDICE E	88
APÊNDICE F	90
APÊNDICE G	92
APÊNDICE H - Encontro SANKOFA	94
APÊNDICE I - Itan Baobá	97
APÊNDICE J - Encontro OSRAM.....	98
APÊNDICE K - Itan do Tambor	99
APÊNDICE L - Encontro NEA ONNIM NO SUA A, OHU	100
APÊNDICE M - Itan da Abayomi.....	101
APÊNDICE N - Encontro ODO NYERA FIE KWAN.....	102
APÊNDICE O - Itan Ubuntu	103

PREÂMBULO - A TRAVESSIA

Para compreender como foi chegar até aqui é preciso analisarmos a travessia. Filha de um casal interracial, uma mãe branca e um pai preto, minha certidão de nascimento me caracteriza como uma criança parda, nascida em Queimados, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

Foi nesse local que fui criada, meus pais sempre prezaram pela minha educação, então, mesmo quando as contas apertaram, eles faziam questão de me manter na escola particular. Entre parcelamentos e um estágio na Educação Infantil, que me proporcionou uma bolsa de estudos integral, durante o Ensino Médio e Curso Normal, concluí a educação básica e me formei PROFESSORA.

Nesse momento já entendia que os estudos seriam o meu ticket premiado, por meio dele poderia chegar onde quisesse e assim o fiz. Estudei em um curso pré-vestibular de uma ONG e na segunda tentativa do vestibular passei para LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA, podendo escolher entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Escolhi a UFRJ, entre outros motivos, porque nela tive acesso a políticas públicas que permitiram me manter na universidade. Desta forma, me tornei moradora do alojamento estudantil (ALO), mesmo com o auxílio da bolsa moradia, logo precisei iniciar no estágio remunerado, o que me levou atuar durante algum tempo na área fitness, mesmo sabendo que o meu lugar era na escola. Era estranho estar na musculação, na universidade, me causava um certo incômodo, alguma coisa não encaixa, sempre faltava algo. Toquei a vida, segui o barco... fiz o que precisava ser feito!

Concluí a licenciatura plena em 2009, fui contratada na academia em que fazia estágio, minha travessia havia sido tomada pelo mundo fitness. Até que retomei minha rota, voltei para a trabalhar na escola, aquela onde estudei e trabalhei como professora da Educação Infantil. Nesse momento, como Professora de Educação Física, busquei uma especialização na área escolar, aquela que sempre fez sentido para a minha existência.

O rio parecia calmo, mas ainda persistia algo que me causava incômodo. Ser funcionária pública ainda era um desejo, viver só da área escolar também. Mais uma vez, recalculei a rota, voltei a navegar, agora com a atenção voltada para os estudos.

Em meio a esse processo de buscar os sonhos que ficaram para trás, passei por uma crise existencial. Até então, eu não sabia que precisava resgatar também a minha negritude, que durante alguns anos, havia passado pelo processo de embranquecimento, para entender quem eu era, precisava entender quem chegou antes de mim.

Primeira decisão tomada, não alisar mais o cabelo. A cada centímetro que ele crescia, também cresciam os questionamentos sobre quem eu era. A transição capilar foi um verdadeiro divisor de águas em minha travessia, durante esse processo, eu tinha certeza do que queria: me (re)encontrar, me (re)conectar e me (re)conhecer, porém todos os barcos a minha volta me questionavam sobre as minhas escolhas, até aqueles que antes não me enxergavam, se sentiam no direito de opinar.

Nesse momento, todos os incômodos pelos quais já havia passado e não entendia a razão começaram a ser desvelados, os apelidos de infância que sempre desqualificavam partes do meu corpo, sendo a última escolhida em várias ocasiões, não se encaixar nos ambientes. Sim, fui atravessada por uma onda gigante. As águas que formavam esta onda, sempre estiveram presentes ali, mas eu, embranquecida pelas minhas conquistas, que dificultavam a minha visão, não conseguia enxergar.

Me aventurando nesse rio, cheguei a Paraíba do Sul-RJ em 2019, cidade no interior do estado, meu primeiro concurso, enfim funcionária pública. Antes de aportar, decidi que iria realizar o corte final do meu cabelo, retirar todas as pontas lisas que ainda restavam, me (re)ver no espelho. Era um novo começo, onde todos que me conhecessem, já me identificariam como uma mulher negra.

Logo depois, um novo concurso, Itatiaia-RJ, em 2021 apesar de ligadas pelo rio, essa cidade ficava do lado oposto a Paraíba do Sul. Lá vai eu de novo colocar o barco a navegar, encontrar um novo porto, no meio do caminho, Volta Redonda. Nesse porto encontrei um lugar para repousar e me cuidar, o Clube Palmares. Espaço onde pude me refazer, estar com os meus, trocar saberes, dividir vivências com aqueles que tinham dores e anseios parecidos com os meus.

Foi nesse solo sagrado que encontrei na minha pesquisa, nele que compartilhei e vivenciei parte dos saberes que me indicaram possibilidades de traçar novos rumos. O curso de Educação Antirracista, fortaleceu meu barco, agora me sentia pronta pra enfrentar novas/antigas tempestades, porém não só por mim, mas também por aqueles que comigo iriam navegar. O Clube Palmares me ensinou a pensar coletivo, aquilombar como forma de (re)existir.

A cidade de Paraíba do Sul é o porto-base, nele não estou só. Neste porto-base eu continuo a minha escrevivência. Evaristo (2017) expressa o conceito de escrevivência como a escrita realizada a partir de um corpo, corpo este de uma mulher negra com marcas e cicatrizes das experiências vividas e corporificadas, carregada de sentimentos e histórias. Todos os conhecimentos vivenciados até aqui são novos instrumentos de navegação, que eu possa utilizá-los para auxiliar os barquinhos com os quais dividirei a imensidão do rio, que junto possamos fortalecer os cascos e enfrentar as tormentas. Para que eles não precisem passar por tantas tribulações como eu.

CAPÍTULO I

ESCOLHENDO O FRUTO

Pensando a Educação para as Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar

1. ESCOLHENDO O FRUTO - PENSANDO A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

“Em meio a tantas inquietações oriundas do chão da quadra, escolher a EREER como temática a ser pesquisa é um compromisso comigo e com os meus.”

Ao longo do tempo, a Educação Física foi transformando o seu objeto de ensino de acordo com o papel exercido por ela na sociedade. No ambiente escolar, inicialmente sua função esteve atrelada às influências higienista, militaristas e esportivistas, que visavam a construção de corpos fortes, saudáveis e preparados para o combate e/ou para o esporte (Rodrigues; Darido, 2018). Essas abordagens nos apresentam a Educação Física sob a ótica da saúde, preocupada com o saber fazer e o resultado desse fazer no corpo humano. Com o avançar dos anos, com influência do movimento renovador, a Educação Física começa a refletir também sobre o porquê fazer e a integralidade do ser, busca ampliar a sua perspectiva para além do paradigma da aptidão física e passa observar as questões relacionadas a cultura corporal de movimento como possibilidade de transformação social.

A partir do ano de 2018 com o início da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a Educação Física Escolar (EFE) vem consolidando uma nova roupagem. Antes vista como parte ligada diretamente à área da saúde, esse documento confirma sua existência na área de linguagem. Esse movimento traz para a comunidade escolar um novo olhar para a EFE, evidencia a construção desse conhecimento a partir da Cultura Corporal, buscando ampliar a atuação da EFE por meio das práticas corporais organizadas em seis unidades temáticas, a saber: Lutas, Danças, Ginásticas, Jogos e Brincadeiras, Práticas Corporais de Aventura e Esportes (Brasil, 2018).

Desenvolver a Cultura Corporal é pensar a EFE para além do gesto motor, é também refletir sobre questões sócio culturais que as cerca. É tematizar os conteúdos levando em consideração os aspectos procedimentais, atitudinais e conceituais, pensar na formação integral das(os) estudantes, observando o seu repertório motor e cultural. Ao se movimentar a criança imprime no mundo suas marcas de acordo com o território em que está inserida. De acordo com Neira (2019), tematizar consiste em realizar diversas atividades de ensino de modo a

propiciar as(aos) estudantes uma compreensão mais elaborada dos inúmeros aspectos que caracterizam qualquer prática corporal. A Educação Física Cultural tem como característica a intencionalidade pedagógica do professor criando significados que aproximam as práticas corporais da realidade do estudante.

As práticas corporais tematizadas nas aulas de EFE podem utilizar o brincar e a ludicidade como ferramentas para alcançar os objetivos propostos para a aula. O brincar está presente no cotidiano da criança desde o seu nascimento e os jogos e brincadeiras estão relacionados diretamente a cultura na qual ela está inserida (Freire, 2005). Neste sentido, o brincar presente na cultura brasileira é influenciado pelos povos indígenas, europeus e africanos, porém muito se valoriza a cultura europeia enquanto a cultura indígena e africana sofre um apagamento. Trazer luz para essas questões é valorizar as raízes da cultura brasileira, uma tentativa de reparar esse esvaziamento de representatividade.

Este apagamento pode ser observado em aulas de EFE, em que, de forma empírica, podemos identificar alguns dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros (VCAF), que estão presentes na rotina de estratégias pedagógicas do professor de Educação Física, porém são aplicadas sem o reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira. Deste modo, Silva (2021) inspirada nos ideais de Azoilda Loretto da Trindade (2005) nos apresenta o Baobá dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, constituído por: Memória, Ancestralidade, Religiosidade, Oralidade, Musicalidade, Cooperação/Comunitarismo, Axé (Energia Vital), Corporeidade, Ludicidade, Circularidade e Afetividade. Esses valores são princípios e normas que constituem nossa existência no âmbito de nossas subjetividades e coletividades que forjam estratégias para nossas ações e posicionamentos nas várias esferas cotidianas.

Nesse sentido, observa-se que existem possibilidades de valorização da cultura afro-brasileira nas aulas desse componente curricular em consonância com a Lei 10.639/03, que visa a reparação deste sintoma do racismo estrutural no âmbito educacional, por meio da obrigatoriedade do ensino da Cultura e História Africana e Afro-brasileira. Assim a EFE quando desenvolvida sob a perspectiva da Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) contribui para uma prática de educação antirracista, uma educação acolhedora e crítica que prevê combater as desigualdades raciais e enaltecer a diversidade da sociedade em que vivemos

(Silva, 2021). Em se tratando de inclusão social, importa celebrar as diferenças e incentivar o respeito nas práticas diárias no cotidiano escolar.

Buscando ampliar as possíveis relações entre a Educação Étnico-racial, os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, trazemos como possibilidade de intervenção nas aulas de Educação Física, os símbolos Adinkra, associados aos Jogos e Brincadeiras. Os símbolos Adinkra são um conjunto de símbolos africanos pertencentes ao povo Ashanti. Esses ideogramas expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais (Carmo, 2016).

A partir das reflexões supracitadas tornou-se possível elaborar as seguintes questões norteadoras do estudo: É possível trabalhar a Educação Étnico-racial com jogos e/ou brincadeiras didático-pedagógicas utilizando os símbolos Adinkra? Os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros associados aos símbolos Adinkra podem contribuir para o letramento racial de adolescentes?

1.1 Objetivo

1.1.1 Objetivo Geral

Propor uma intervenção sociopedagógica para a Educação Física Escolar (EFE), relacionando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, os símbolos Adinkra e a Educação para as Relações Étnico-raciais.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Promover o letramento racial de estudantes propiciando vivências da cultura afro-brasileira, por meio dos símbolos Adinkra, bem como valorizar e gerar pertencimento aos mesmos.
- Propiciar diálogos e reflexões sobre os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros identificados nas aulas de Educação Física Escolar.
- Construir coletivamente o jogo educativo relacionando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros com os símbolos Adinkra, a partir dos conhecimentos trabalhados em aula.
- Verificar a percepção das(os) estudantes acerca da representatividade e do pertencimento étnico-racial ao longo dos encontros.

CAPÍTULO II

PREPARANDO O TERRENO

Resgatando saberes

2. PREPARANDO O TERRENO - RESGATANDO SABERES

“É necessário arar, adubar e irrigar o terreno para que tenhamos um bom aproveitamento, respeitando sempre os saberes dos ancestrais.”

Quando se relaciona EREER e EFE ainda se está convencido a trabalhar esses temas somente em datas pontuais, como por exemplo: em abril, questões relacionadas aos povos indígenas e em novembro, questões relacionadas aos povos africanos, porém é necessário que esses temas estejam presentes no currículo escolar, de forma integral. Nesse sentido, torna-se fundamental entender a EREER como parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, não somente como um atendimento à exigência da Lei 10.639/2003 que prevê a obrigatoriedade do ensino da História da Cultura Africana e Afro-brasileira em toda a Educação Básica.

Pensar e aplicar as práticas pedagógicas de acordo com a educação antirracista é o que se propõe ao desenvolver atividades que contemplem a EREER, não só ensinar os conteúdos eurocentrados, mas também ensinar conteúdos de matriz africana e indígena, com possibilidade de conhecimento e valorização da nossa diversidade cultural.

Para melhor compreensão e desenvolvimento do estudo acerca da temática em questão, apresentaremos a seguir os seguintes subcapítulos: A Educação para as Relações Étnico-raciais: documentos suleadores, Símbolos Adinkra: Tecnologia Ancestral e Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Física.

2.1 A Educação para as Relações Étnico-raciais: Documentos Suleadores

A Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) é uma das conquistas do Movimento Negro, que constituem ações afirmativas e políticas públicas objetivando uma reparação histórica em favor de minimizar e superar as desigualdades impostas ao longo da história para a comunidade negra (Gomes, 2008).

Gomes (2019, p 23-24) definem o Movimento Negro:

[...] as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento com as barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. Trata-se de um movimento que não se reporta de forma romântica à relação entre os negros brasileiros, a ancestralidade africana e o continente africano da atualidade, mas reconhece os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendendo-a como integrante da complexa diáspora africana. Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como movimento negro. É preciso que nas ações desse coletivo se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo. Postura essa, que não nega os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTfóbica e racista.

Uma das leis que devemos tomar como base para o estudo é 10.639/2003 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDBEN), acrescentando a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira (Brasil, 2003).

Gomes (2012), destaca a relevância desta lei:

A mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afro-brasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, enquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala.

A lei prevê que o conteúdo programático inclua o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, visando o resgate da contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Ainda inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”, data onde devemos celebrar e valorizar a cultura negra no ambiente escolar.

Buscando a efetivação da lei anteriormente citada, no ano de 2004, surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de história e Cultura Afro-Brasileira (DCNERER), constituindo um conjunto de normas complementares às leis citadas anteriormente, estabelecendo orientações pedagógicas para a implementação nas escolas brasileiras (Brasil, 2004). As DCNERER destacam a “Valorização da oralidade, da corporeidade e da arte”, marcas da cultura de raiz africana presentes no cotidiano das aulas de Educação Física.

No ano de 2008, a lei 11.645 modifica novamente o texto da LDBEN acrescentando a cultura indígena, contemplando assim os povos originários, colaborando para o fortalecimento da representativa de grupos historicamente marginalizados, contribuindo para uma educação antirracista e plural (Brasil, 2008).

Ainda buscando consolidar a implementação das leis, em 2024 o Ministério da Educação (MEC) em conjunto com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) cria um plano nacional que detalha ações concretas, com metas, prazos e políticas públicas visando a formação docentes, a produção de materiais didáticos, monitoramento e avaliação das escolas.

A Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ), juntamente com as DCNERER buscam garantir que as leis não fiquem apenas no campo simbólico, mas contribuindo para auxiliar as escolas na aplicação efetiva das mesmas.

Para colaborar com os referidos documentos, podemos observar também a BNCC que apesar das incoerências e inconsistências na sua estruturação, relatadas por Neira (2018), como documento normativo nos apresenta a Educação Física Escolar na área de linguagens, levando em consideração a Cultura Corporal de Movimento e as práticas corporais como objeto de estudo que nos indicam uma maior atenção para as questões relacionadas à ERER, bem como contribui na luta pela legitimidade perante aos demais componentes curriculares.

2.2 Símbolos Adinkra: Tecnologia Ancestral

Os símbolos Adinkra foram uma estratégia silenciosa, encontrada pelos nossos ancestrais para trazer a África para o Brasil. Para Nascimento e Gá (2022), os Adinkra tratam de um antigo sistema africano de escrita, inspirado na observação da vivência africana. Segundo os autores a organização dos símbolos está baseada na sua representação gráfica: animais, corpos celestes, corpo humano, objetos feitos pelos humanos, formas abstratas e a vida vegetal. Contudo, sua representação não se encerra na parte gráfica, junto a ela cada símbolo carrega um significado e um provérbio africano.

Para Nascimento e Gá (2022), Adinkra é a sabedoria em símbolos africanos que reúne os ideogramas da escrita da civilização Ashanti, cujo povo habita o território que hoje chamamos de Gana. Os desenhos são uma forma universal de expressão, que incorporam, preservam e transmitem aspectos da história, filosofia, valores e normas socioculturais, baseados no corpo humano, figuras de animais, plantas, astros e outros objetos.

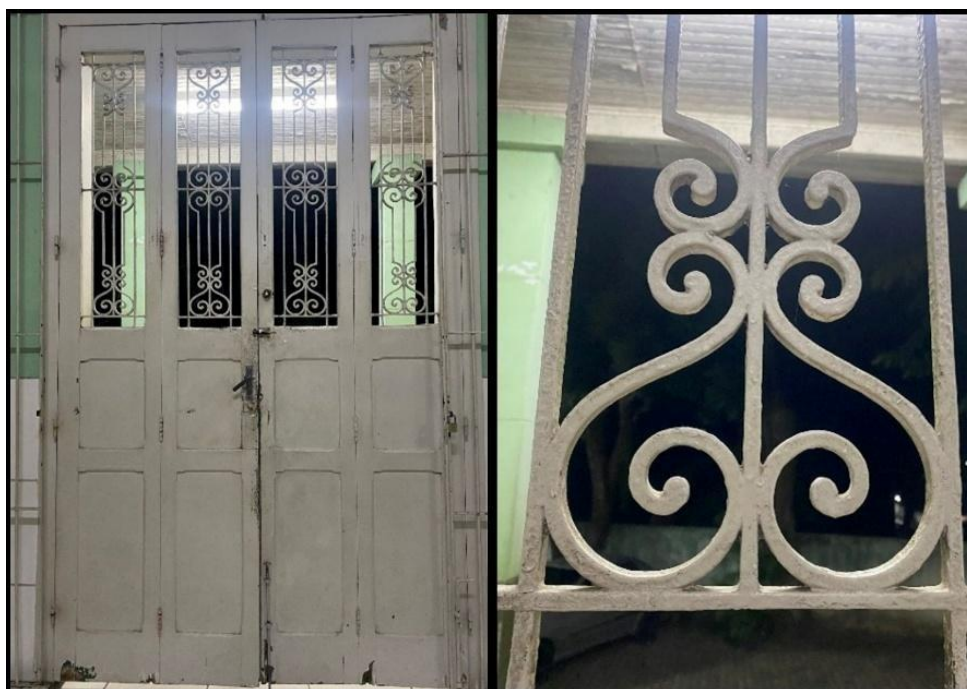
As formas de linguagens existentes fora da ótica eurocentrista foram subestimadas e minimizadas por não serem facilmente compreendidas, restando ao povo africano escravizado, reinventar sua forma de comunicação. Os Adinkra são um registro de que este povo construiu um sistema de escrita, diferente do conhecimento historicamente divulgado.

Em África, os símbolos eram encontrados estampados em vestimentas de cerimoniais fúnebres ou festivais de homenagens, esse fato nos leva a compreender o significado da palavra Adinkra, que significa literalmente “despedida”, “gesto de adeus” (Nascimento e Gá, 2022). Ao decompor a palavra, “di” “nkra” significa “despedir-se da alma”. Os participantes dessas cerimônias utilizavam os símbolos para expressar mensagens àqueles que os deixavam nesse plano. Para além das estampas, os símbolos eram encontrados esculpidos em ouro, madeira, em adornos e tronos de reis e rainhas africanos, onde comunicavam poder e soberania. Os ideogramas preservam os valores, as filosofias e as normas socioculturais do povo de Gana. Neste estudo, esses símbolos foram relacionados na proposta sociopedagógica com a intenção de reforçar os Valores civilizatório Afro-brasileiros no ambiente escolar.

Já aqui, do outro lado do oceano, os símbolos Adinkra eram formas de comunicar, reunir e resistir, junto com outras tecnologias desenvolvidas pelos que concluíram a travessia. Os ideogramas podem ser encontrados esculpidos, pintados, ou seja, marcados em nossas obras arquitetônicas. Muitos desses símbolos estão presentes no nosso cotidiano sem que a sua origem seja referenciada, mais uma prova do apagamento sofrido pela cultura negra em nosso país.

A seguir podemos verificar um exemplo desse apagamento, a grade da porta que compõe a figura 1 está localizada no universo da pesquisa, ela é a entrada principal da unidade de ensino selecionada, por ela passam todos os dias a nossa comunidade escolar: estudantes, responsáveis e profissionais da educação, o que nos faz questionar se algum deles saberia identificar este símbolo como parte da cultura negra presente naquele espaço de convivência diária.

Figura 1 - Adinkra no Universo da Pesquisa



Fonte: A autora, 2025.

Faz-se necessário citar Abdias Nascimento, bem como registrar novamente as contribuições do Movimento Negro Unificado (MNU), coletivo que o militante integrou durante a sua trajetória. O artista colaborou ativamente contra a discriminação racial, na luta por direitos iguais, defensor das cotas raciais, autor

de projetos de lei antirracismo que contribuíram para a promulgação da Lei 10.639/2003.

A atuação de Nascimento foi fundamental na criação do MNU e também de dois outros movimentos importantes, como o Teatro Experimental de Negro (TEN) e do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro). Sobrinho (2023, p 03) define o Teatro Experimental do Negro:

“O Teatro Experimental do Negro relaciona-se com as práticas artísticas afro-diaspóricas e desse aspecto intrínseco a sua constituição despontam elementos estéticos, políticos e comunicacionais específicos. Trata-se, evidentemente, de constatar que é uma experiência coletiva, e quero reiterar mais a ideia do nome “Abdias Nascimento” como um lugar específico, que reúne seu talento e trabalho pessoal, mas também a capacidade de fomentar alianças e lidar com projetos e propósitos que tenham alcance amplo para a população negra brasileira, ou como ele mesmo se referia, o “seu povo”.

Diante do exposto, o artista Abdias Nascimento sempre estando atento a valorização da cultura afro-brasileira, revelada em suas obras.

Figura 2 - Onipotente e Imortal, Adinkra Asante



Fonte: Acervo IPEAFRO, 2025

O legado de Abdias também conta com o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro), uma organização sem fins lucrativos dedicada à preservação da memória, valorização e promoção da cultura e história negra. O instituto atua em quatro pilares principais: ensino, pesquisa, cultura e documentação. Em seu acervo conta com diversas obras produzidas por Abdias Nascimento e suas instituições.

Figura 3 - A Catedral, Adinkra Sankofa



Fonte: Acervo IPEAFRO, 2025.

As obras do intelectual, artista e militante Abdias Nascimento, bem como o trabalho desenvolvido pelo Instituto Ipeafro são importantes agentes de ressignificação e reparação histórica acerca dos símbolos Adinkra e sua contribuição na formação da cultura brasileira. Abdias em sua arte expressa a sua africanidade por meio dos Adinkra, de cores vibrantes e de sua religiosidade.

No cenário atual, os estudiosos/artistas dos símbolos Adinkra têm contribuído para o processo de ressignificação e valorização da cultura afro-brasileira, estampando roupas, obras de arte e artesanatos, carregado de significado e representatividade negra.

2.3 Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Física

Antes de nos aprofundarmos sobre os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros se faz preciso (re)conhecer a intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade. A educadora, militante e intelectual desenvolveu diversos trabalhos que contribuíram para a construção de uma educação antirracista, participando dos diálogos que originaram a Lei 10.639/03. A educação antirracista consiste em acolher as singularidades, respeitando as diferenças culturais compreendendo que elas constituem um todo, onde os sujeitos que o compõem se sintam representados.

Para a intelectual negra, a lei apresentada, possibilita (re)contarmos as histórias dos nossos ancestrais com afeto e respeito, ressignificando suas lutas, vitórias, glórias e resistências, por meio do reconhecimento das suas contribuições na construção do Brasil, trazendo um novo olhar para a África que nos é apresentada.

Figura 4 - Valores Civilizatórios Afro-brasileiros segundo Azoilda



Fonte: Brandão e Trindade, 2006.

Silva (2021) nomeia Azoilda Loretto da Trindade como a intelectual dos afetos, que buscava por meio dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros pensar o Brasil contado pelo olhar do povo africano e da diáspora. Para a intelectual, afetar e ser afetado é construir uma relação com o outro, respeitando as subjetividades de cada um. Para entender a existência negra, a autora priorizava o diálogo, a troca de experiências e as vivências, refletindo sobre seu povo e não reproduzindo modelos tradicionais. Buscando compreender o que são os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, Trindade (2005, p.30-31) destaca:

“A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural. E apesar do racismo, das injustiças e desigualdades sociais, essa população afrodescendente sempre afirmou a vida e, conseqüentemente, constitui o/s modo/os de sermos brasileiros e brasileiras.”

Redescobrir os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros é reparar conceitos e práticas pedagógicas que descolonizam o currículo, pensando-o de forma plural. Eles são fundamentais na construção de uma educação antirracista, não só no contexto escolar, mas também nos demais espaços de coletividade.

O primeiro valor apresentado neste estudo é o AXÉ (Energia Vital), tudo que é/está vivo tem axé. É a energia que sustenta a vida e a comunidade, respeito à natureza e aos elementos que a constituem, a energia que nos move. A MEMÓRIA e a ANCESTRALIDADE, representam conexão e respeito àqueles que vieram antes de nós, preservação dos saberes deixados por eles. Não podemos esquecer as lutas enfrentadas por eles para que hoje estejamos aqui.

Em sequência, apresentamos a RELIGIOSIDADE e a ORALIDADE, estas são as formas pelas quais os nossos saberes resistiram, sendo passados às próximas gerações. Nossa história foi silenciada, nossos escritos foram apagados/queimados, queriam apagar a nossa existência nesse país, esses

foram alguns dos recursos encontrados para não sermos totalmente extintos da história. Silva (2021) ressalta que Trindade compreende o valor da religiosidade como ato sagrado de cuidar e ser cuidado, ver e ser visto, sem qualquer ligação direta com alguma religião em específico.

A CORPOREIDADE nos faz compreender o ser/estar no mundo, nosso corpo demonstra quem somos. As formas de falar, olhar e se movimentar são marcas inerentes à cultura à qual pertencemos. Para além das questões culturais, é preciso aprender a valorizar nossas características físicas corporais, é algo a ser ensinado, em diferentes esferas sociais, já que são elas que aprendemos a não admirar desde a infância, é importante reconhecer o belo ao se olhar no espelho.

Os valores LUDICIDADE e MUSICALIDADE são os que nos permitem expressar quem nós somos e de onde viemos, características marcantes do povo negro, por meio destes nos foi permitido (re)existir, nosso canto e nossas histórias passam adiante quem somos e por onde passamos. A CIRCULARIDADE nos permite ver o todo, ao mesmo tempo que nos permite ver uns aos outros, nos conectarmos, onde todos nós nos encontramos em uma mesma posição, é por onde a energia gira e nos conecta.

Por consequência, nos unificar, exemplificando o Valor Civilizatório, COOPERAÇÃO/COMUNITARISMO, essencial na construção de uma sociedade justa e igualitária, o pensar coletivo. Trindade (2005, p.35) destaca: “A cultura negra, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro”.

A AFETIVIDADE é o valor que envolve todos os demais. Silva (2021) descreve esse valor como o eixo condutor para acolher, cuidar, incentivar e orientar as ações educacionais. Ao estudar sobre a Azoilda, Gisele inspirou-se na mandala dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e desenvolveu o Baobá, acrescentando o valor: Afetividade. Acredita-se que permitir afetar e ser afetado é a construção do diálogo com o outro, viver em comunidade.

Figura 5 - Baobá dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros segundo Silva



Fonte: Silva, 2021

Todos os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros apresentados até aqui serão aplicados no ambiente escolar, ressaltando que esse ambiente não se restringe a sala de aula, a escola deve ser vista como um ambiente de aprendizado, onde todos os sujeitos da comunidade escolar devem estar envolvidos no processo educacional das(os) estudantes. Trindade (2005) enquanto educadora nos orienta a refletir sobre os valores como estratégias educacionais para o desenvolvimento de uma educação multicultural, crítica, inclusiva e criativa.

CAPÍTULO III

SEMEANDO SABERES

Processo de Plantio

3. SEMEANDO SABERES - PROCESSO DE PLANTIO

“Semear com respeito a natureza, a semente e o terreno. Escolher quais procedimentos utilizar para que assim a colheita vingue.”

Este estudo é uma pesquisa do tipo descritiva, com abordagem qualitativa em formato de pesquisa-ação. Segundo Gil (2008), a pesquisa do tipo ação se caracteriza pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa, o relacionamento entre eles não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo. Para Barbier (2007), a pesquisa-ação proporciona ao professor-pesquisador uma constante reflexão sobre as práticas proporcionadas ao longo do trabalho.

3.1 Universo da pesquisa

O Universo da Pesquisa é uma escola municipal da Prefeitura de Paraíba do Sul-RJ, situada na região do centro-sul fluminense, compõe a região turística do Vale do Café, faz parte do roteiro da estrada real com o caminho novo, rota alternativa ao Caminho do Ouro. Em sua pesquisa Innocencio (2015) descreve a libertação de 244 negros escravizados das Fazendas de Cantagalo em 1882 relatado no testamento da Condessa do Rio Novo, vale ressaltar que neste período a região onde hoje conhecemos como Paraíba do Sul pertencia a monarca e os escravizados compunham parte da população local.

A instituição selecionada para a aplicação da pesquisa funciona em 3 turnos, oferecendo turmas do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) no período da manhã e/ou tarde e também a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) durante a noite. Além das salas de aula, a escola conta com um pátio central, uma quadra, uma biblioteca, uma sala com tela interativa, um refeitório, um pátio lateral onde encontra-se um parquinho e uma sala de recursos. Nesta sala são realizados os atendimentos aos alunos da Educação Inclusiva, não só desta escola, mas também de outras unidades escolares da mesma região.

Figura 6 - Fachada da escola



Fonte: Acervo da escola, 2025.

A escola está localizada na região central do município, o que nos fornece uma comunidade escolar composta por algumas regiões adjacentes, são eles os bairros: Eldorado, Liberdade, Limoeiro, Portal do Sol, Curupati, Morro do Volante, Morro do Rosário e Morro da Alegria.

Figura 7 - Pátio Central da escola



Fonte: A autora, 2025.

3.2 Participantes da Pesquisa

Para a pesquisa foram convidadas a participar 3 turmas do 6ºano do ensino fundamental (A, B e C) da Escola Municipal Andrade Figueira, situada no município de Paraíba do Sul-RJ. Em 2025, ano de aplicação da pesquisa, as

intervenções nas turmas A e B, aconteciam no período da manhã, sendo a primeira composta por 21 estudantes e a segunda composta por 19 estudantes, enquanto para a turma C, as intervenções aconteciam no período da tarde, esta turma era composta por 20 estudantes, totalizando 60 estudantes. Vale ressaltar que todas(os) estudantes tinham suas idades compreendidas entre 11 e 14 anos.

Critérios de Inclusão

Estudantes com matrícula ativa no 6º ano do ensino fundamental II, estudantes com o consentimento livre e esclarecido dos pais/responsáveis assinado, bem como o termo de assentimento também assinado.

Critérios de Exclusão

Estudantes que não concluíram 50% de participação nos encontros de aplicação da pesquisa, assim como aqueles que não concluíram o preenchimento dos questionários.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 35 estudantes pertencentes às turmas supracitadas. As turmas foram escolhidas por conveniência, levando em consideração que a professora-pesquisadora atuava como docente nas mesmas e por concordância da equipe diretiva da unidade escolar.

3.3 Aspectos Éticos

Com a autorização da escola concedida por meio do Termo de Anuência Institucional - TAI (Apêndice A), a pesquisa foi submetida no Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CEP-UFRRJ), cadastrado por meio da Plataforma Brasil, tendo sido aprovado sob o Parecer Consubstanciado nº 7.701.812 e CAAE nº89502725.0.0000.0311. Todas as etapas da pesquisa seguiram fielmente as diretrizes das Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulam as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Após o parecer de aprovação (Apêndice B), foi organizada juntamente à equipe diretiva da unidade de ensino, uma reunião com os responsáveis das(os) estudantes selecionados com objetivo de apresentar a pesquisa, esclarecer possíveis dúvidas, assim como convidá-los a autorizar a participação das(os)

estudantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice C).

Figura 8 - Honrando a Ancestralidade



Fonte: A autora, 2025.

Em seguida aconteceu a apresentação da pesquisa para as(os) estudantes, onde foi possível explicar o funcionamento da pesquisa, bem como esclarecer possíveis dúvidas, além de convidá-los a participar, por meio da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (Apêndice D).

Todos(as) os(as) envolvidos(as) foram informados(as) sobre seus direitos, incluindo a possibilidade de recusar ou desistir da participação a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. As respostas foram tratadas com absoluto sigilo e anonimato, sendo os dados analisados sem identificação individual.

Contudo, optou-se por não utilizar códigos numéricos ou impessoais para identificar as(os) estudantes nas análises qualitativas. Em respeito à singularidade e à potência dos saberes compartilhados, foram atribuídos nomes de origem africana. Essa escolha busca reconhecer a humanidade dos(as) participantes, elevando suas vozes e trajetórias ao lugar de protagonismo que merecem, sem que isso comprometa sua identidade civil. Assim, cada palavra registrada carrega não apenas anonimato, mas também dignidade e representatividade.

Figura 9 - Apresentação da Pesquisa as(aos) Estudantes



Fonte: A autora, 2025

Ainda neste momento foi aplicado um questionário sociodemográfico com o objetivo de traçar as características da amostra em questão. Para encerrar, construímos coletivamente a base do Baobá dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros no mural da escola, onde foram registrados todos os encontros concluídos.

Figura 10 - Construção do Baobá



Fonte: A autora, 2025.

3.4 Materiais e Métodos

Para a coleta de dados foram utilizados 3 instrumentos, sendo eles questionários, diário de campo e registros de imagem e som (Fotos e Vídeos). Foram utilizados 2 questionários distintos, o Questionário 1 aplicado

anteriormente a intervenção sociopedagógica e o Questionário 2 aplicado posteriormente aos encontros.

O Questionário 1 (Apêndice E) foi composto por 10 questões, sendo 6 questões fechadas (objetivas), 2 questões mistas (objetivas e discursivas) e 2 questões abertas (discursivas), a fim de obter as características sociodemográficas do grupo amostral, com perguntas relacionadas aos aspectos sociais, culturais e história de vida, bem como mapear os saberes prévios das(os) estudantes que dialoguem com os objetivos previamente estabelecidos nesta pesquisa.

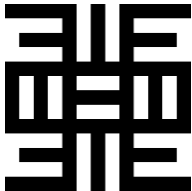
No Questionário 2 (Apêndice F) foi verificada as percepções das(os) estudantes acerca da intervenção sociopedagógica, o questionário foi composto por 9 questões, sendo 3 questões fechadas (objetivas) e 6 mistas (objetivas e discursivas), organizadas em 2 blocos temáticos, Percepção Geral do Estudante e Percepção acerca da Proposta. A utilização deste instrumento possibilitou verificar os efeitos da intervenção sociopedagógica relacionados a EREER.

O diário de campo foi construído ao longo da intervenção sociopedagógica com registros, onde foram relatadas as vivências proporcionadas às turmas, assim como as suas reações às atividades propostas. Com a intenção de complementar e enriquecer os relatos do diário de campo, a professora-pesquisadora, mediante a assinatura do Termo de autorização de uso de imagem e som (Apêndice G), registrou vídeos e fotografias importantes para auxiliar na interpretação do comportamento e percepção das(os) estudantes.

3.5 Procedimentos para a coleta de dados

A aplicação da pesquisa foi realizada por meio de uma intervenção sociopedagógica ao longo de uma unidade de ensino, com 4 encontros para cada turma com a duração de 1h40min para cada um, totalizando 12 encontros com as turmas A, B e C. O tema da unidade de didática foi pautado nos símbolos Adinkra e nos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros, para cada encontro foi trabalhado o símbolo Adinkra relacionando-o aos Valores Civilizatórios por meio das práticas corporais. Estes símbolos Adinkra foram selecionados, pois acompanham provérbios africanos que dialogam com os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros em sua essência, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 - Conteúdo Programático da Intervenção Sociopedagógica

Encontro	Símbolo	Significado	Valores Civilizatórios Afro-brasileiros	Proposta
1	SANKOFA 	<i>"Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás."</i> Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.	ANCESTRALIDADE MEMÓRIA ORALIDADE	Árvore Familiar Brincadeiras e Jogos Populares
2	OSRAM 	<i>"A lua não tem pressa para dar a volta em torno do nosso mundo."</i> Símbolo da virtude da utilidade e da necessidade de paciência.	CIRCULARIDADE RELIGIOSIDADE AXÉ (ENERGIA VITAL)	Contos Afro-brasileiros e Africanos Danças Populares (Ciranda; Jongo; Maculelê e Quadrilha)
3	NEA ONNIM NO SUA A, OHU 	<i>"Quem não sabe pode passar a saber aprendendo."</i> Símbolo do conhecimento, da aprendizagem permanente e da busca contínua pelo saber.	MUSICALIDADE LUDICIDADE CORPOREIDADE	Brincadeiras cantadas Capoeira
4	ODO NYERA FIE KWAN 	<i>"O amor ilumina seu próprio caminho, nunca se perde ao voltar pra casa"</i> Símbolo do amor, da devoção e da fidelidade.	AFETIVIDADE COOPERATIVISMO/ COMUNITARISMO	O JOGO

Fonte: A autora, 2025.

A Proposta de Intervenção

Para melhor organização, os encontros foram divididos em 4 momentos: Momento 1 (M1) - Apresentação dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e dos Símbolos Adinkra, Momento 2 (M2) - Práticas Corporais, Momento 3 (M3) - Roda de Conversa e Momento 4 (M4) - Construção Coletiva. Mantendo esta sequência tornou-se possível para as(os) estudantes entender o roteiro a ser seguido, bem como interagir e antecipar as reflexões sobre os saberes compartilhados.

Encontro Sankofa

No Encontro 1 (Apêndice H) foram elaboradas atividades como base no Adinkra Sankofa, cujo o provérbio nos ensina “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás”, este símbolo representa a sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro (Nascimento e Gá, 2022, p27), relacionado com os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros: Ancestralidade, Oralidade e Memória.

Figura 11 - Adinkra SANKOFA



Fonte: Nascimento e Gá, 2022.

Com o objetivo de apresentar os itens norteadores do encontro, no M1 - Apresentação foi desenvolvido junto aos alunos a leitura do texto, Itan do Baobá (Apêndice I). O Itan referido conta sobre o surgimento da árvore do Baobá que nos leva a refletir sobre os valores selecionados para este encontro, após a leitura as(os) estudantes foram convidados a registrar na atividade, um desenho do baobá, aqueles que eles consideravam seus ancestrais, pessoas com quem construíram uma boa memória e podiam contar e conversar no seu dia a dia, aqueles que os ensinavam por meio de palavras e exemplos.

Figura 12 - Encontro SANKOFA - Momento 1



Fonte: A autora, 2025.

Para o M2 - Práticas Corporais, realizamos 4 atividades: 1- Telefone sem fio com provérbios africanos, 2- Matacuzana (Origem: Moçambique), 3- Guerreiros Nagô e 4- Teca Teca (Origem: Moçambique). Estas atividades foram selecionadas pela professora-pesquisadora com o objetivo de proporcionar às(aos) estudantes vivências que levassem à reflexão da presença, mesmo que silenciosa, da cultura afro-brasileira no cotidiano escolar.

Figura 13 - Encontro SANKOFA - Momento 2



Fonte: A autora, 2025.

Durante o M3 - Roda de Conversa, as(os) estudantes foram provocadas(os) a compartilhar oralmente suas impressões sobre as vivências propostas. Para isso, foram realizadas as seguintes argumentações: O que você pode falar sobre Ancestralidade? Quem são os seus ancestrais? É importante falar, é possível aprender/ensinar por meio da oralidade? Por que é importante a nossa memória? Qual é o papel dos ancestrais na manutenção da nossa memória?

Com o objetivo de marcar a conclusão do Encontro Sankofa, no M4 - Construção Coletiva, as(os) estudantes posicionaram na árvore natural e no Baobá do mural, cartazes com os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, os símbolos Adinkra, juntamente com os provérbios que os complementam.

Figura 14 - Encontro SANKOFA - Momento 4



Fonte: A autora, 2025.

Encontro Osram

Durante o segundo encontro (Apêndice J), tivemos como base o Adinkra Osram que carrega o provérbio “A lua não tem pressa para dar a volta em torno do nosso mundo”, símbolo da virtude da utilidade e da necessidade de paciência (Nascimento e Gá, 2022, p45), relacionado aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros: Circularidade, Religiosidade e Axé - Energia Vital.

Figura 15 - Adinkra OSRAM



Fonte: Nascimento e Gá, 2022.

Para o M1 - Apresentação, juntos aos valores e ao Adinkra, as(os) estudantes fizeram a leitura do Itan do Tambor (Apêndice K), neste texto as(os) estudantes são convidados a pensar sobre as batidas do tambor e as batidas dos nossos corações, movimento essencial para nos mantermos vivos. Bem como refletir sobre os ciclos naturais (dia/noite, sol/lua) presentes na nossa existência. Observar a natureza e pensar sobre associá-la aos aspectos religiosos, a partir deste pensamento, diferenciar religião e religiosidade, fé e doutrina.

Foram realizadas 3 atividades durante o M2 - Práticas Corporais, na primeira delas, as(os) estudantes foram convidados a produzir ritmos e batidas corporais. Em sequência, as(os) estudantes deveriam associar os ritmos construídos por eles a ritmos musicais populares e ainda perceber se esses ritmos estão presentes na cultura negra.

Figura 16 - Encontro OSRAM - Momento 1



Fonte: A autora, 2025.

Na segunda atividade, foi oportunizado as(aos) estudantes vivenciar o Jongo, Patrimônio Cultural Brasileiro. Iniciamos contando sobre a importância do Jongo para a história e cultura negra, pontuando suas características: a música/ponto, a roda, os instrumentos e as vestimentas. Para então, experimentar os passos do Jongo (Amassa café, Mancador, Principal, sua variação com giro e a umbigada) e finalmente a roda.

Figura 17 - Encontro OSRAM - Momento 2 - Atividade 1



Fonte: A autora, 2025.

Finalizando o M2, vivenciamos mais um Patrimônio Cultural Brasileiro, o Maculelê. Iniciamos ressaltando os aspectos culturais e históricos para então assim como na atividade anterior, praticarmos os movimentos do mais simples de forma individualizada, progredindo para as duplas e finalizando com a roda.

Figura 18 - Encontro OSRAM - Momento 2 - Atividade 2



Fonte: A autora, 2025.

As questões norteadoras para o M3 - Roda de Conversa foram: O que você pode falar sobre Axé - energia vital? Você é capaz de diferenciar Religiosidade de Religião? Como você entende a circularidade? O que as batidas do seu coração transmitem para você? Essas questões serviram como base para o compartilhamento de saberes entre as(os) estudantes.

Figura 19 - Encontro OSRAM - Momento 3



Fonte: A autora, 2025.

Assim como no encontro anterior, para realizar o M4 - Construção Coletiva, seguimos até o Baobá do mural e a árvore da escola, posicionamos os valores e o Adinkra desenvolvidos para sinalizar a conclusão deste encontro.

Figura 20 - Encontro OSRAM - Momento 4

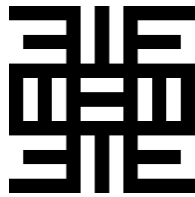


Fonte: A autora, 2025.

Encontro Nea Onnim no sua A, Ohu

Para o encontro 3 (Apêndice L), selecionamos o Adinkra Nea Onnim no sua A, Ohu que nos ensina “Quem não sabe pode passar a saber aprendendo”, símbolo do conhecimento, da aprendizagem permanente e da busca contínua pelo saber (Nascimento e Gá, 2022, p111). Este Adinkra foi relacionado aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros: Musicalidade, Ludicidade e Corporeidade.

Figura 21 - Adinkra Encontro Nea Onnim No sua A, Ohu



Fonte: Nascimento e Gá, 2022.

Contextualizando os temas supracitados foi apresentado as(aos) estudantes o Itan da Boneca Abayomi (Apêndice M, uma construção da Artesã e Militante Lena Martins. A histórica da Abayomi é popularmente disseminada em uma versão romantizada, que conta sobre mães escravizadas que durante a viagem nos navios negreiros confeccionavam as bonecas para os seus filhos, porém atualmente já é sabido que essa versão não é verídica. A Abayomi é uma criação da ativista, às vésperas da marcha pela farsa de 100 anos da abolição, momento em que se intensificava a produção de conhecimento acerca do povo negro e a crescente visibilidade do movimento das mulheres negras.

Figura 22 - A Artesã Lena Martins e suas criações



Foto: Tércio Teixeira - Folhapress

Posteriormente a leitura do Itan, fomos dialogando sobre a corporeidade negra, fatos históricos que contribuíram para a construção da nossa negritude e acrescentando observações sobre as formas encontradas para (re)existir por meio da musicalidade e ludicidade, paralelamente a construção da Boneca Abayomi pelas(os) estudantes.

Figura 23 - Encontro NEA ONNIM A SUA, OHU - Momento 1



Fonte: A autora, 2025.

Acrescentando movimento ao diálogo anterior, durante o M2 - Práticas Corporais, foi possível vivenciar mais um Patrimônio Cultural Brasileiro, a Capoeira. Assim como nos encontros anteriores concomitantemente ao diálogo sobre os aspectos históricos da Capoeira, fomos introduzindo os movimentos característicos da luta: a ginga, os golpes (benção, meia-lua, martelo e beija-flor) e as defesas (Aú, cocorinha e negativa).

Figura 24 - Encontro NEA ONNIM A SUA, OHU - Momento 2



Fonte: A autora, 2025.

Para o M3 - Roda de Conversa, foram elencadas as seguintes provocações: Como você demonstra a sua corporeidade? Você entende a sua corporeidade como parte da cultura negra? A musicalidade faz parte da sua vida? Quais são os ritmos e/ou artistas que você mais ouve? Essas músicas fazem parte de qual cultura? Por que você se identifica com essa cultura? Como podemos entender a ludicidade? Você concorda que ela foi uma estratégia dos negros para resistirem ao processo de escravização?

Figura 25 - Encontro NEA ONNIM A SUA, OHU - Momento 3



Fonte: A autora, 2025.

Concluimos este encontro com o M4 - Construção Coletiva, as(os) estudantes fixaram os cartazes com o símbolo Adinkra, o provérbio e os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros nas nossas árvores, tanto a natural, localizada no pátio central quanto na do mural da escola.

Figura 26 - Encontro NEA ONNIM A SUA, OHU - Momento 4



Fonte: A autora, 2025.

Encontro Odo Nyera Fie Kwan

O encontro 4, Odo Nyera Fie Kwan (Apêndice N) iniciou com o M1 - Apresentação, o Adinkra selecionado nos ensina que: “O amor ilumina seu próprio caminho, nunca se perde ao voltar pra casa”, expresso como o símbolo do amor, da devoção e da fidelidade (Nascimento e Gá, 2022, p 52), os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros escolhidos para subsidiar este encontro são o

Cooperativismo/comunitarismo e a Afetividade. Para fundamentar os temas escolhidos, procedemos com a leitura do Itan Ubuntu (Apêndice O), que nos faz refletir sobre o pensamento coletivo, nos reconectarmos e nos reconhecermos uns nos outros.

Figura 27 - Adinkra ODO NYERA FIE KWAN



Fonte: Nascimento e Gá, 2022.

Após a apresentação foi realizada a retrospectiva dos encontros anteriores, detalhando para além dos conceitos, práticas corporais vivenciadas pelas(os) estudantes. Assim como, foi preciso relembrar os conceitos de Jogo de Tabuleiros, conteúdo trabalhado na Unidade Temática: Jogos e Brincadeiras no bimestre anterior durante o ano letivo de 2025.

Figura 28 - Encontro ODO NYERA FIE KWAN - Momento 1



Fonte: A autora, 2025.

A partir deste momento, seguimos para o M2 - Práticas Corporais, onde foi proposto à turma, uma divisão em grupos. Cada um deles ficou responsável pela confecção de itens do Jogo de Tabuleiro, eles foram separados em cenário, manual de regras, cartas de ação, dados e pinos/jogadores. A divisão ocorreu respeitando a afinidade e as habilidades das(os) estudantes. Vale ressaltar que todos os itens solicitados deveriam ter como base de pensamento os Símbolos

Adinkra e os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, assim como suas reflexões e práticas corporais vivenciadas ao longo da intervenção sociopedagógica.

Figura 29 - Encontro ODO NYERA FIE KWAN - Momento 2



Fonte: A autora, 2025.

Finalizada a construção dos Jogos, seguimos para o M3 - Roda de Conversa com os seguintes questionamentos: Como você demonstra a sua afetividade? Cite situações em que você vive os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros hoje trabalhados. Em que situações você percebe o Comunitarismo/cooperativismo? O que você pensa quando ouve a palavra UBUNTU? Como você explicaria UBUNTU para outras pessoas?

Mais uma vez, as(os) estudantes seguiram para efetivar o M4 - Construção Coletiva, fixando no Baobá do mural e também na árvore natural do pátio central da escola, os cartazes com o símbolo Adinkra, o provérbio e os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros.

Figura 30 - Encontro ODO NYERA FIE KWAN - Momento 4



Fonte: A autora, 2025.

Com o objetivo de finalizar a intervenção sociopedagógica junto as(aos) estudantes, foi organizado um evento que recebeu o nome de Nosso Adinkra, onde os mesmos participaram da ilustração em objetos que eles puderam guardar de recordação, pintando os Adinkra vivenciados na pesquisa. Neste momento, as(os) estudantes responderam ao Questionário 2, onde foi oportunizado o registro das percepções acerca dos encontros realizados. Assim, como puderam brincar com os jogos construídos por eles.

Figura 31 - Evento Nosso Adinkra



Fonte: A autora, 2025.

3.6 Procedimentos para a análise de dados

A análise qualitativa dos dados encontra-se orientada como proposto por Bardin (2016) por meio da Análise de Conteúdo Temática. Esse tipo de análise possibilitou sistematizar e interpretar as múltiplas formas de expressão e comunicação dos participantes da pesquisa durante as vivências, especialmente por meio dos registros do diário de campo e das respostas do questionário 2.

Os dados coletados foram analisados a partir da organização proposta pela autora supracitada. Na primeira etapa, a Pré-análise, na composição do corpus da pesquisa, identificamos por meio da leitura atenciosa dos registros, quais dados foram relevantes para atender aos objetivos da pesquisa.

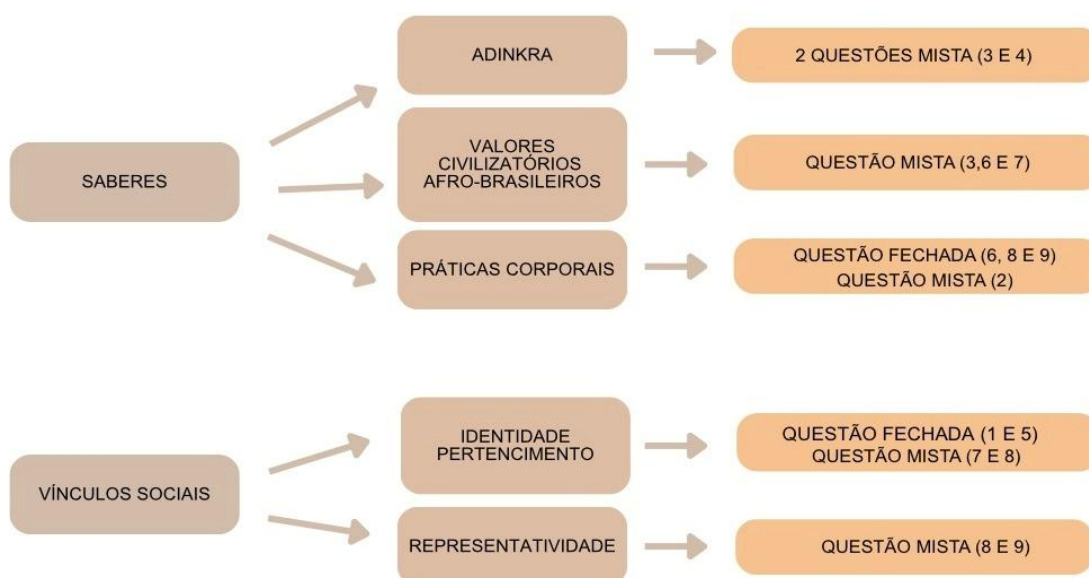
Durante a Exploração do Material, houve a codificação e categorização dos dados obtidos, considerando as unidades de contexto relacionadas à proposta de intervenção, analisamos os dados de forma integral, observando não apenas

os registros descritos, mas os sentidos e significados atribuídos a eles. Essas unidades foram organizadas de acordo com os eixos definidos à priori, construídas com base nos objetivos da pesquisa e nas contribuições do referencial teórico.

Para melhor estruturação foram criados 2 eixos temáticos, **Saberes** e **Vínculos Sociais**, de onde emergiram 5 categorias. O Eixo Saberes deu origem a 3 categorias: **Símbolos Adinkra**, **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros** e **Práticas Corporais**. Por sua vez, o Eixo Vínculos Sociais originou outras 2 categorias: **Identidade/Pertencimento** e **Representatividade**.

Na etapa de Tratamento, Inferência e Interpretação, buscamos compreender como os dados coletados se relacionam com os objetivos da pesquisa. A partir de uma análise crítica buscamos verificar se houve alcance no processo de reflexão e apropriação sobre as questões relacionadas a Educação para as Relações Étnico-raciais (Letramento Racial, Cultura Afro-brasileira, Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e Símbolos Adinkra).

Figura 32 - Fluxograma da Categorização do Questionário 2



Fonte: A autora, 2025.

CAPÍTULO IV

CONTEMPLANDO O BAOBÁ

Momento de Reflexões

4. CONTEMPLANDO O BAOBÁ - MOMENTO DE REFLEXÕES

“Sentar-se à sombra da árvore ancestral, contemplar sua imponente e analisar o início da florada, tendo a sensação de que estamos no caminho certo.”

O presente capítulo encontra-se organizado em 2 subcapítulos. No primeiro estaremos apresentando o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa, com base nas respostas obtidas a partir do Questionário 1, aplicado antes do início da intervenção sociopedagógica. No segundo subcapítulo serão apresentados os dados da pesquisa construída a partir das respostas das (os) estudantes, oriundas do Questionário 2 - Percepção das(os) Estudantes, juntamente com as observações da professora-pesquisadora relatadas no diário de campo, bem como suas impressões de todo o processo da intervenção sociopedagógica.

4.1 Perfil Sociodemográfico

Com o objetivo de traçarmos o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa foram analisadas as respostas do Questionário 1, vale ressaltar que a aplicação deste instrumento aconteceu anteriormente ao início da intervenção sociopedagógica, o que contribuiu para mapear os saberes prévios das(os) estudantes.

Figura 33 - Infográfico das Respostas do Questionário 1



Fonte: NotebookLM, 2026.

A análise dos dados coletados nos revela que o grupo amostral é composto por 35 estudantes, sendo 19 meninas (54,3%) e 16 meninos (45,7%) com faixa etária predominante de 12 anos (16 estudantes - 45%), seguida por 11 anos (13 estudantes - 37,1%), 13 anos (5 estudantes - 14,3%) e 14 anos (1 estudante - 2,9%). Sendo em sua maioria residentes no bairro da Liberdade com 7 estudantes (20%), também foram citados os bairros Curupati, Palhas, Morro do Volante com 3 moradores (8,5%) em cada um. Nos bairros Ponte Preta, Morro da Alegria, Centro e Brocotó com 2 moradores (5,7%) em cada bairro, entre outros bairros com apenas 1 representante (2,8%).

Nesta etapa da pesquisa, a maioria das(os) estudantes (89,7%) se autodeclararam como negros, sendo eles: 16 (48,6%) com a cor/raça declarada como preta e 12 (34,3%) com a cor/raça declarada como parda. Houve também 4 (11,4%) estudantes autodeclaradas(os) como brancos, 1 (2,9%) indígena e 1 (2,9%) estudante que assinalou a opção "não sei responder".

As(os) estudantes quando perguntados sobre a cor/raça refere a sua mãe (ou da mulher responsável), eles identificaram a figura feminina como sendo 16 pretas (45,7%), 11 pardas (31,4%), 6 brancas (17,1%) e 2 estudantes (5,7%) não souberam responder a questão. Quando questionados sobre a cor/raça referente aos seus pais (ou do homem responsável) as respostas foram 15 pretos (42,9%), seguidos por 8 pardos (22,9%) e 5 brancos (14,3%). Além de 1 pai/responsável referido como indígena (2,9%) e 6 estudantes (17,1%) não souberam responder à questão.

A composição familiar tem como membros entre 3 a 4 pessoas de acordo com 18 estudantes (51,4%), para outros 10 estudantes (28,6%) varia entre 5 a 6 pessoas. Apenas 2 estudantes (5,7%) moram em casas com 1 a 2 pessoas. Outros 5 estudantes (14,3%) não responderam essa questão. Quanto ao convívio familiar, a percepção em sua maioria positiva (85,7%), com 16 estudantes (45,7%) declarando como "muito bom" e 14 (40%) como "bom", apenas 3 estudantes (8,6%) declararam "mais ou menos" e 2 (5,7%) definiram como "ruim".

Quando perguntados a respeito do convívio escolar as respostas também foram positivas em sua maior parte (80%): 21 (60%) relataram “bom”, 7 (20%) relataram “muito bom”, 5 (14,3%) relataram “mais ou menos” e apenas 2 (5,7%) como ruim. Importante destacar que até mesmo as(os) estudantes que assinalaram como “ruim” relataram gostar da escola, o que os incomodavam eram as relações interpessoais com os demais componentes da turma.

A fim de coletar dados que expressassem percepções das(os) estudantes quanto às questões relativas à representatividade foram realizadas 2 perguntas aos mesmos. Na primeira delas, eles tiveram que responder quem era a pessoa que eles admiravam e o motivo. Obtivemos como resposta, a mãe, que foi a figura de admiração mais apontada (15 estudantes - 42,8%), descrita frequentemente como “guerreira”, “cuidadosa” e “trabalhadora”. Em sequência, eles responderam quem seria a pessoa negra que eles admiravam e o motivo, novamente a figura da mãe volta a ser a mais citada (7 estudantes - 20%), porém desta vez surgem figuras públicas, atletas como Pelé (2 citações - 5,7%), Cristiano Ronaldo - CR7 (2 citações - 5,7%), Neymar (2 citações - 5,7%) e Lebron James (1 citação - 2,8%), juntamente com um figura histórica Zumbi dos Palmares (1 citação - 2,8%), com a justificativa que ele foi importante para o Brasil.

Concluída a análise do perfil sociodemográfico da amostra passamos a apresentar a análise qualitativa dos dados referentes às vivências experienciadas pelas(os) estudantes, especialmente por meio dos instrumentos de coleta utilizados nesta pesquisa.

4.2 Sobre a Intervenção Sociopedagógica

Conforme descrito anteriormente, a partir deste parágrafo estaremos apresentando os dados coletados por meio do Questionário 2 após a intervenção sociopedagógica, juntamente com as percepções da professora-pesquisadora relatadas no diário de campo realizado durante a pesquisa, complementados pelos registros audiovisuais. Construímos a organização deste subcapítulo a partir dos eixos temáticos e das categorias determinadas a priori, conforme apresentadas no fluxograma (vide Figura 31).

O primeiro eixo temático trata dos **saberes** construídos a partir das Percepções das(os) estudantes a respeito da Educação para as Relações Étnico-raciais por meio das categorias: **Símbolos Adinkra, Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e Práticas Corporais**. Buscamos compreender como as(os) estudantes foram afetados pela intervenção sociopedagógica, posto que entendemos a proposta como ponto de partida para a inserção das reflexões sobre a EREER para as(os) estudantes.

Diante deste cenário, importa expressar que nesta pesquisa não houve a pretensão de quantificar o aprendizado das(os) estudantes, devido ao pequeno número de encontros propostos quando observada a densidade do conteúdo a ser abordado. Entretanto, nos preocupamos em afetar as(os) estudantes ao proporcionar vivências significativas e relevantes, em que eles pudessem ter acesso a conhecimentos referentes a EREER e assim subsidiá-los para questionar a realidade em que estão inseridos.

Para iniciar a análise, apresentamos a categoria **Símbolos Adinkra** que buscou verificar se as(os) estudantes passaram a reconhecer os referidos símbolos africanos no seu cotidiano, assim como identificar com qual dos símbolos apresentados eles tiveram maior identificação e suas reflexões sobre os provérbios que compõem o Adinkra.

A análise do diário de campo nos permite observar que as(os) estudantes demonstraram curiosidade em procurar os Símbolos Adinkra pelas redondezas da escola, nos caminhos para a escola. A fala da aluna Zuri nos demonstra um exemplo dessa caça aos Adinkra: *“Tia, procurei tanto e estava bem aqui na porta da escola, só vi hoje”*, referindo-se ao **Adinkra SANKOFA** presente na porta de entrada da escola (Vide figura 1).

Podemos verificar que este símbolo foi o que mais causou identificação por parte das(os) estudantes, pois quando perguntados na questão 3 do questionário 2, sobre qual seria o Símbolo Adinkra com o qual eles mais identificaram, o referido símbolo teve 11 respostas (31,4%). Em seguida, com 10 respostas (28,5%) tivemos o **Adinkra Nea Onnim no sua A, Ohu**, as(os) estudantes que o escolheram se justificaram com a observação de que eles estão sempre aprendendo e mesmo assim ainda temos muito a aprender.

Ao citar o **Adinkra Osram** e o **Adinkra Odo Nyera Fie Kwan**, as(os) estudantes os associaram facilmente ao símbolo da natureza, o primeiro deles é

a lua, enquanto o segundo é uma tartaruga, conforme os relatos do diário de campo. Nascimento e Gá (2022) nos ensinam que os símbolos Adinkra são um sistema africano de escrita, neles são representados os elementos da natureza, como a fauna e a flora, muito respeitadas nas suas tradições.

Reconhecendo durante a intervenção sociopedagógica o legado africano foi possível colaborar para a construção da **identidade** das(os) estudantes, assim como contribuir para gerar **pertencimento**, auxiliando para reparar o apagamento sofrido pela cultura negra. Os Adinkra e seus significados nos mostram a razão dessa necessidade: as referências culturais africanas dizem respeito à humanidade toda e ao Brasil como nação (Nascimento e Gá, 2022).

Ainda pensando em como minimizar as marcas dos Racismo Estrutural presente no nosso cotidiano, bem como continuar o processo de reparação histórica, contribuindo para o letramento racial das(os) estudantes, apresentamos a segunda categoria, **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros**. Nesta categoria foi possível analisar como as ações realizadas de forma automática no cotidiano tem influência das matrizes africanas, refletir sobre quais desses valores carregamos conosco, ainda como eles favoreceram a construção da nossa negritude.

Quando perguntados sobre **Ancestralidade**, levando em consideração as respostas do questionário 2 e também as percepções relatadas no diário de campo referentes ao Encontro - SANKOFA, as(os) estudantes associaram este valor as figuras femininas que compõem o seu pequeno núcleo familiar (mãe, avós, irmãs e tias), suas escolhas estavam relacionadas a cuidado e segurança. Um exemplo desse fato está no relato da professora-pesquisadora, o estudante Akin afirma “*Os mais velhos falam pra gente não errar igual a eles, a minha mãe sempre cuida de mim*”.

Figura 34 - Meu Baobá, minha ancestralidade



Fonte: A autora, 2025.

Ser um ancestral é ser referência, é aquele que nos educa pela **oralidade** e guarda as nossas **memórias**, o que justifica as respostas das(os) estudantes que ao revelarem o motivo das suas escolhas se referem a sua ancestral como “cuidadora, atenciosa, que faz comida gostosa”. Os demais valores citados completam o Encontro SANKOFA, eles são intimamente ligados. A **Oralidade** foi uma das principais formas de transmitir nossos saberes e manter viva a nossa **Memória**, ela carrega os sentidos e significados que compõem a nossa existência.

A DCNERER destaca a valorização da **oralidade**, da **corporeidade** e da **arte**, marcas da cultura de raiz africana presentes como **Práticas Corporais** nas aulas de Educação Física, replicadas como forma de guardar nossa **memória**.

Quando perguntados durante a Roda de Conversa e relatado no diário de campo sobre se seria possível aprender pela Oralidade, o estudante Malik afirma: *“Tia, você dá aula na quadra, lá não tem caderno e a gente aprende”*. Esse mesmo estudante em outro momento expressa que *“A memória é importante para não esquecer as coisas que a gente fez, errar de novo não dá”*.

Para o Encontro OSRAM, foram desenvolvidos os valores: **Circularidade**, **Religiosidade** e **Axé - Energia Vital**, temas sensíveis que provocaram a turma a expressar suas crenças. Durante a vivência do Jongo, eu coloquei uma saia branca para jogar, rapidamente a estudante Thabisa exclamou: *“Que isso Tia, vai fazer macumba? Deus me livre”*, neste momento foi necessário explicar sobre as Religiões de Matrizes Africanas.

Este relato é um exemplo de atravessamento do Racismo Religioso, por meio de uma demonstração de intolerância religiosa. Vale lembrar que durante o período de escravização e colonização ocorrido no Brasil, o Cristianismo por meio do processo de catequização, não permitia que os povos negros e indígenas tivessem liberdade religiosa, bem como afirma Saviane (2013, p.47) ao dizer que “[...] para os jesuítas a religião católica era considerada obra de Deus, enquanto as religiões dos índios e dos negros vindos da África eram obra do demônio”.

O episódio relatado foi importante para a desmistificação de alguns pré-conceitos para as(os) estudantes que nos sinalizaram por meio das respostas do Questionário 2, uma mudança de pensamento. A mesma estudante que fez o comentário durante o episódio, juntamente com outros 2 responderam: *“Eu gostei, aprendi que cada um tem a sua religião e nem tudo é macumba, tem que respeitar”*. O aluno Malik, durante a Roda de conversa, afirmou: *“Achava que Axé*

era coisa de macumba, mas entendi a energia, meu corpo até arrepiava, fica até quente!”, comprovando assim ter entendido a atividade proposta.

Durante o Encontro Nea Onnim no Sua a, Ohu foram desenvolvidos os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros: **Corporeidade, Ludicidade e Musicalidade**, optamos por apresentar os resultados referentes a esses valores juntos, pois assim foram expressados por um das(os) estudantes. Conforme relatado no diário de campo, no momento destinado a partilha de saberes (Roda de Conversa), o estudante Akin expressa: *“Tia, eles (os valores) são a Educação Física”*. Quando expressado este pensamento Akin nos confirma que *“a Educação Física nos faz sentir o movimento”*.

Inspirada nas ideias de Brandão e Trindade (2006) no Caderno A Cor da Cultura - Modo de Interagir, os valores citados no parágrafo anterior constroem o nosso existir. A musicalidade é o corpo que vibra e celebra, a ludicidade é o prazer de sentir e estar, a corporeidade é a expressão de como e onde vivemos, o produto das memórias e histórias vividas. A partir deste pensamento, quando relacionado a construção da negritude, importa para as(os) estudantes vivenciar as formas de resistência encontradas pelo povo negro.

Com a fala do estudante Leke, registrada no diário de campo do Encontro Odo Nyera Fie Kwan, podemos exemplificar a presença dos valores **Comunitarismo/cooperativismo**, ao apresentarmos o Itan Ubuntu, o mesmo declara: *“Eu já ouvi isso no meu grupo de capoeira, é sobre cuidar uns dos outros. Ser tipo irmão!”* Neste momento iniciou-se um diálogo, Aisha retrucou: *“Mas irmão briga!”* Leke afirmou: *“e mesmo assim tá junto, são fechamento”*. O diálogo entre as crianças nos faz refletir sobre os valores vivenciados e confirma a sua apropriação sobre essa temática, pois o estudante sugere que viver o comunitarismo/cooperativismo é lidar com as diferenças. Quando o estudante se referiu aos amigos como *“Fechamento”* foi possível observar a existência de vínculo afetivo entre eles.

O valor da **Afetividade** ainda é compreendido pelas(os) estudantes quando relacionada ao carinho romântico. Na Roda de Conversa, quando questionados sobre como eles demonstram a afetividade, a maioria das respostas estava relacionada ao toque físico (abraço, beijo e carinho), nesse momento foi importante sugerir uma reflexão sobre o sentido mais amplo deste valor.

Para Silva (2021, p60):

“A afetividade está presente no acolher e entregar, ou seja, no estar no mundo. O modo de ouvir, agir, tocar, pensar, brigar e acariciar está envolvido no processo de construção afetiva. É perceber que o outro possui suas subjetividades e precisa ser respeitado e acolhido.”

Na questão 6, quando foram convidados a identificar os 3 valores que mais faziam parte das aulas de Educação Física, os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros mais citados foram **Memória** com 16 menções (45,7%), **Corporeidade** com 14 menções (40%) e **Axé - Energia Vital** com 13 menções (37,1%). No evento Nosso Adinkra, a estudante Lueji expressa a seguinte frase: “*Tia, a gente criou memória!*” Esta fala exemplifica o valor da Memória ocupando o primeiro lugar na escolha das(os) estudantes.

Ainda se tratando do **Eixo Temático Saberes**, estaremos apresentando os resultados da categoria **Práticas Corporais**. Analisando nesta categoria como as aulas do componente curricular Educação Física contribuíram para o despertar da negritude por meio do letramento racial, verificar com quais práticas corporais eles mais se identificaram, bem como quais foram as relações observadas pelas(os) estudantes entre os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e Práticas Corporais.

As respostas da questão 2 nos revela o impacto das reflexões sobre a EREER em relação a intervenção vivenciada pelas(os) estudantes, ao analisarmos, temos a maioria das respostas positivas com 21 alunos (60%) assinalando a opção muito, 9 alunos (25,7%) respondendo mais ou menos, o que nos faz acreditar que pode ser que este grupo ainda necessite de um tempo a mais para amadurecer as reflexões sobre o tema. Apenas 5 estudantes (14,3%) responderam pouco/nada, justificando não ter entendido a pergunta em questão.

Na parte discursiva referente à questão citada no parágrafo anterior, as(os) estudantes puderam justificar as suas respostas, 3 estudantes reforçaram que as aulas colaboraram na quebra de paradigmas em relação a **Capoeira**, ao **Jongo** e ao **Maculelê**, práticas corporais geralmente associadas de maneira negativa às religiões de matrizes **africanas**. A resposta da estudante Monifa é um exemplo desta quebra de paradigma: “*Serviu para entender que a cultura africana não tem nada de macumba como muitos pensam*”.

Observando as respostas do questionário 2 e os relatos do diário de campo, a Prática Corporal mais citada pelas(os) estudantes foi a **Capoeira**, foi perceptível o interesse e a identificação das(os) estudantes, mesmo após o fim da intervenção, elas(es) continuaram a solicitar mais aulas da prática. Quando perguntados na questão 9, sobre a estudante Thabisa responde: *“É divertido! Porque teve a capoeira que pra mim era macumba, mas aprendi que não é”*. Outro relato interessante do diário de campo pertencente ao estudante Malik que diz: *“Gosto dos golpes, me sinto poderoso”*.

Vivenciar as Práticas Corporais pertencentes à Cultura Negra provocou nas(os) estudantes o sentimento de **reconhecimento** e **identificação**. No momento da construção da boneca Abayomi, foi possível registrar no diário de campo, a fala da estudante Kieza: *“Tia, ela se parece comigo!”*

Figura 35 - Ela parece comigo



Fonte: A autora, 2025.

A partir da fala de Kieza que iniciamos o próximo eixo temático **Vínculos Sociais** que trata sobre as relações construídas com o outro e ainda consigo mesmo por meio das categorias **Identidade/Pertencimento** e **Representatividade**.

Ao refletir sobre esta categoria buscamos compreender a construção da **identidade** das(os) estudantes, bem como o sentimento de **pertencimento**, entendendo este processo como parte do letramento racial promovido. A análise das respostas do questionário 2 tem como referência citada o símbolo **Sankofa**, a identificação com este símbolo reflete o despertar de uma identidade que

valoriza o passado. O **pertencimento** se dá pela corporeidade, ao participar da capoeira ou confeccionar a boneca, o estudante preto ou pardo não está apenas aprendendo sobre o "outro", mas vivenciando uma prática que o representa diretamente, fortalecendo o seu pertencimento e lugar social na escola

Desenvolver a **identidade/pertencimento** para pessoas negras é conectar-se ao seu passado expressando a sua negritude. Munanga (2024, p.57) define “negritude como um conjunto de traços característicos do negro no que se refere a comportamento, capacidade de emoção, personalidade e alma”. Na mesma obra o autor complementa “negritude é a solidariedade, ou seja, o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los, a preservar uma identidade comum” (Munanga 2024, p.56).

Quando perguntado, por meio do questionário 2, as(aos) estudantes sobre a identificação/pertencimento relacionados aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, os mais citados foram a **Ancestralidade** e a **Memória**, demonstrando a busca pelas raízes da sua existência, a resposta do estudante Akin justifica sua identificação com os valores citados anteriormente *“Por causa da luta dos negros do passado”*.

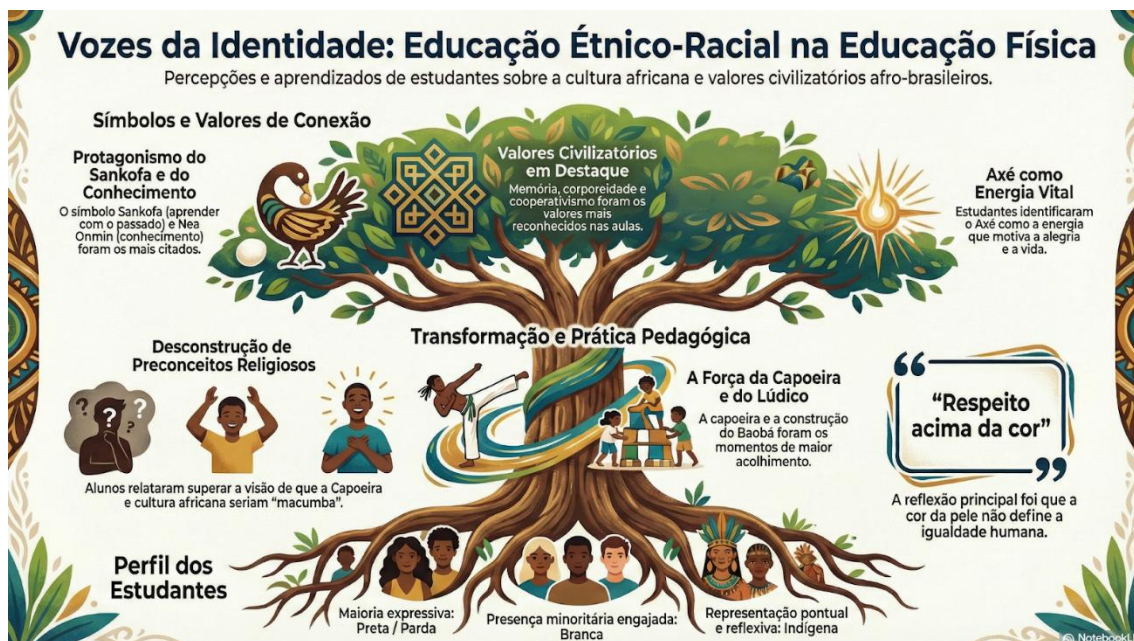
Podemos compreender a categoria **Representatividade** com o próximo passo após a consolidação da **Identidade/pertencimento**. A partir do momento em que o estudante se identifica como pessoa negra, se reconhecendo como parte da cultura, desenvolver atividade que trabalhe a representatividade é essencial para que ele visualize possibilidades de mudança efetiva da sua realidade, valorizando e perpetuando a cultura negra.

Esta categoria é constituída pela transferência da percepção do EU para o NÓS, quando as(os) estudantes expressam, por meio das observações do diário de campo, se reconhecerem e se reconectarem as Práticas Corporais vivenciadas, podemos entender que alcançamos uma quebra de paradigma. As falas do estudante Leke no evento Nosso Adinkra expressa essa conquista: *“Nós construímos todos juntos”* e *“Outras pessoas vão brincar com a gente”*, quando usada para se orgulhar do belo trabalho executado.

A seguir apresentaremos um infográfico, buscando sintetizar as respostas das(os) estudantes sobre as práticas pedagógicas vivenciadas ao longo da intervenção, revelando como o uso dos Símbolos Adinkra, dos Valores

Civilizatórios Afro-brasileiros e das Práticas Corporais promovem a reflexão crítica no ambiente escolar.

Figura 36 - Infográfico das Respostas do Questionário 2



Fonte: NotebookLM, 2026.

CAPÍTULO V

COLHENDO OS FRUTOS

Nosso Adinkra: O jogo

5 COLHENDO OS FRUTOS - NOSSO ADINKRA: O JOGO

“Ver e tocar a conquista juntos aos seus, saboreando a vitória coletiva.”

Para a conclusão do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar - ProEF, juntamente com a dissertação, o/a discente deve apresentar um Recurso Educacional, que consiste em um diálogo entre a pesquisa e o “chão da quadra”. Este recurso constitui o compromisso sociopedagógico e científico com a Educação Pública Brasileira.

A proposta constitui uma intervenção sociopedagógica em favor da construção de um jogo educativo a partir dos símbolos Adinkra (Nascimento e Gá, 2022) relacionados aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros (Trindade, 2010), a fim de propor possibilidades para desenvolver a temática ERER em aulas de Educação Física Escolar. A intervenção foi desenvolvida por meio de vivências nas aulas de Educação Física Escolar.

Tematizar os símbolos Adinkra relacionando-os aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros torna possível refletir e vivenciar práticas socioeducativas, em favor do letramento racial das(os) estudantes. Nesse sentido, buscou-se proporcionar o contato com a cultura afro-brasileira, gerando assim um sentimento de pertencimento e valorização sócio cultural.

Somado a isso, torna-se essencial ressaltar a típica árvore africana, o Baobá, a mãe ancestral que reúne em suas folhas os referidos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, destacando em seu tronco a Afetividade como eixo condutor para ações educativas. Essas referências socioeducativas reforçam o objetivo central do Recurso Educacional proposto.

O Recurso Educacional apresentado é a materialização das vivências proporcionadas as(aos) estudantes durante a intervenção sociopedagógica. Durante os encontros que compuseram a intervenção, as(os) estudantes tiveram a oportunidade de refletir a partir dos símbolos Adinkra relacionados aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros juntamente com as Práticas Corporais, para então construir um jogo que expressasse suas percepções.

Figura 37 – Baobá dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros



Fonte: A autora, 2025.

CAPÍTULO VI

PLANTANDO NOVAS SEMENTES

Uma Nova Estação

6 PLANTANDO NOVAS SEMENTES - UMA NOVA ESTAÇÃO

“É chegada a hora de compartilhar saberes com os amigos da lida, que eles possam por meio da nossa colheita vislumbrar a possibilidade de aplicação nas suas realidades.”

A professora-pesquisadora acredita que a proposta de intervenção sociopedagógica constituiu uma possibilidade de ensino das Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar, levando as(aos) estudantes a compreensão do seu papel social, pautado nos símbolos Adinkra relacionando-os aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e também as Práticas Corporais.

Por meio das respostas ao questionário e das falas expressas relatadas no diário de campo, a partir das vivências experienciadas foi possível perceber uma mudança de pensamento das(os) estudantes, identificando assim indícios do processo de letramento racial pelo qual as(os) estudantes foram provocados. Ter acesso a conhecimentos referentes a EREER afetou-os de maneira relevante, de modo que eles puderam se re(conhecer) e re(conectar) a cultura afro-brasileira, gerando pertencimento e representatividade, valorizando e desmistificando alguns pré-conceitos.

Acreditamos que aplicar a EREER nas aulas de Educação Física deve ser algo constante no cotidiano escolar, devendo estar presente para além da prática pedagógica em aula formal, contribuindo assim para a prática de uma educação antirracista significativa. Tendo acesso aos saberes afro-referenciados, as(os) estudantes puderam se perceber enquanto parte integrante da cultura negra, o que os fez questionar o meio no qual eles fazem parte, podendo promover mudanças nas suas realidades.

Construir coletivamente o Jogo, proporcionou as(aos) estudantes dialogar e refletir sobre os Adinkra, os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e as Práticas Corporais relacionando-os e identificando-os como parte dos saberes compartilhados nas aulas de Educação Física. Compreendendo a ampliação do objeto de ensino do componente curricular, a Cultura Corporal de Movimento para

além das práticas tradicionais: militares e esportistas, em sua maioria eurocêntricas.

Surgiram desafios para a aplicação da intervenção sociopedagógica, entre eles a falta de recursos, apesar de termos o apoio da equipe diretiva da escola, gostaríamos de ter proporcionado as(aos) estudantes a vivência com materiais como chocalhos, tambores, vestimentas para todos os participantes. Outro desafio encontrado foi a resistência de algumas famílias em autorizar a participação das(os) estudantes, algumas delas sinalizando a negativa e justificando por motivos religiosos, lastro do Racismo Estrutural expresso por meio da intolerância religiosa. Importa destacar que foi um desafio para a professora-pesquisadora desenvolver a proposta, ao mesmo tempo em que necessitava realizar os registros audiovisuais da intervenção em cada encontro.

Aos professores que desejarem aplicar em suas turmas a intervenção sociopedagógica, sugiro um maior tempo dedicado às práticas corporais, bem como aumentar o número de encontros para que as(os) estudantes possam ter mais contato com a cultura afro-brasileira.

Como continuidade da pesquisa, acreditamos que seria interessante expandir a intervenção sociopedagógica baseada na EREER, construída a partir dos Símbolos Adinkra relacionado aos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros para além dos Jogos e Brincadeiras, considerando as demais Unidades Temáticas prevista na BNCC, justificando a presença da cultura africana e afro-brasileira em todo o currículo escolar, assim como sugere a Lei 10.639/2003.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília, DF: Plano, 2002.
- BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. **Lei 10.639/03 de 09 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2003.
- BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria MEC nº 470, de 14 de maio de 2024**. Institui a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola - PNEERQ. Brasília: MEC, 2024.
- BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. **A Cor da Cultura: Modos de Interagir**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- CARMO, E. F. B. M. do. **História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra** - Salvador-BA, Artegraf, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FREIRE, J. B. **O jogo entre o riso e o choro**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, N. L. **Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório**. Retratos da Escola, v. 2, p. 95-108, 2008.
- GOMES, N. L. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- GOMES, N. L. **Relações étnico-raciais: educação e descolonização dos currículos**. Revista Currículo sem fronteiras, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.
- INNOCENCIO, Isabela Torres de Castro. **Memória de Afrodescendentes no**

Vale do Paraíba: de Colônia Agrícola Nossa Senhora da Piedade a Bairro de Vila Isabel. Lugar de Memória, História e Esquecimento em Três Rios, 1882-1951 / Isabela Torres de Castro Innocencio. -- 2015. 369 f. : il.

IPEAFRO. Adinkra. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>. Acesso em 07/06/2024

Martins, Lena. **Manifesto pelo Reconhecimento da Criadora da Boneca Abayomi. Coletivo Abayomi Boneca Preta Brasileira/2020**, <https://www.bonecaabayomi.com/lena-martins> , acessado em 10/02/25

MENDONÇA, G. P. A.; FREIRE, E. dos S.; MIRANDA, M. L. de J. **Relações étnico-raciais e Educação Física escolar: uma revisão integrativa de teses e dissertações.** Rev. Motriviv., Florianópolis , v. 32, n. 63, e76893, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422020000300209&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 09/06/24.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 4. ed.3.reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.

NASCIMENTO, E. L.; GÁ, L. C. **Adinkra – Sabedoria em símbolos africanos.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2022.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/B8K74xgQY56px6p5YQQP5Ff/> SciELO Brasil. Acesso em: 20/01/2026.

NEIRA, M. G. **Cultura corporal de movimento: da Educação Infantil ao Ensino Médio.** In: SESI-SP. Saber em Ação 2013: aprendizes do Século XXI: autonomia e autoria no processo de ensino e de aprendizagem. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

NEIRA, M. G. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica** - 2. ed. - Jundiaí [SP]: Paco, 2019.

NEIRA, M. G. **Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da educação física:** pressupostos, princípios e orientações didáticas. São Paulo: Phorte, 2011.

RIOS, F.; SANTOS, M. A.; RATTTS, A. (Orgs). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas.** São Paulo: Perspectiva, 2023.

RODRIGUES, H. A., DARIDO, S. C. **As três dimensões dos conteúdos na prática pedagógica de uma professora de Educação Física com mestrado: um estudo de caso.** Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v.19, nº1, p.

51-64. 2008

SAVIANE, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SILVA, G. R. da. **Azoilda Loretto da Trindade: o Baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. 1 ed. Rio de Janeiro-RJ. Metanoia, 2021.

SOBRINHO, G. A. **O legado do Teatro Experimental do Negro (TEN): lições de estética, política e comunicação**. Conceição/Conception, Campinas, SP, v. 12, n. 00, p. e023007, 2023. DOI: 10.20396/conce.v12i00.8673050. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8673050>. Acesso em: 10/01/2026.

TRINDADE, A. L., Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na educação infantil. MEC- **Valores afro-brasileiros na Educação**. Boletim, v. 22, 2005b.

TRINDADE, A. L., Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, A. P.; TRINDADE, A. L. (orgs.). **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres (A cor da cultura, v.5). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p.11-15.

VELOSO, A. **Tecnologia Ancestral Africana: Símbolos Adinkras**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolosadinkra/#:~:text=Os%20Adinkras%20s%C3%A3o%20um%20conjunto,dos%20processos%20das%20di%C3%A1sporas%20africanas>> . Acesso em 08/06/2024.

APÊNDICE A

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL - TAI

Eu, GEORGETE CARVALHO DA CUNHA,
na condição de Diretora Geral, responsável pela Escola Municipal Andrade Figueira, manifesto a ciência, concordância e disponibilidade dos meios necessários para a realização e desenvolvimento da pesquisa intitulada “Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar: Possibilidades de Ensino” na nossa instituição. A instituição assume o compromisso de apoiar a pesquisa que será desenvolvida por Anne Cristina Oliveira Nunes, sob a orientação da Prof. Dra. Valéria Nascimento Lebeis Pires, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, tendo ciência que a pesquisa objetiva propor uma intervenção sociopedagógica para a Educação Física Escolar, relacionando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, os símbolos Adinkra e a Educação Étnico-racial.

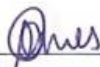
A instituição assume o compromisso de que a coleta dos dados estará condicionada à apresentação do Parecer de Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, junto ao Sistema CEP.

Atenciosamente,

Paraíba do Sul, 30 de Maio de 2025.



Direção Escolar **Georgete Carvalho da Cunha**
Diretora
Matr.: E-1364



Professora-pesquisadora

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: Possibilidades de Ensino

Pesquisador: ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 89502725.0.0000.0311

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.701.812

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto:

A proponente informa que a partir do ano de 2018, com o início da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Educação Física Escolar (EFE) vem consolidando sua existência na área de linguagem, ou seja, para além das áreas desportivas e da saúde. A partir da Cultura Corporal de Movimento, a EFE amplia a sua atuação por meio das práticas corporais diversas. Desenvolver a Cultura Corporal de Movimento é pensar a Educação Física Escolar para além do gesto motor, é também refletir sobre questões sócio culturais que as cerca. Ao utilizar o brincar e a ludicidade com intencionalidade pedagógica voltada para os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, tais como Memória, Ancestralidade, Religiosidade, Oralidade, Musicalidade, Cooperação/Comunitarismo, Axé (Energia Vital), Corporeidade, Ludicidade, Circularidade e Afetividade, é possível valorizar a cultura afro-brasileira nas aulas de EFE. Através da perspectiva da Educação para as Relações Étnico-raciais, uma educação acolhedora e crítica, é possível contribuir para uma prática de educação antirracista e combater a exclusão social. Neste sentido, a proponente e colaboradores têm como possibilidade de intervenção nas aulas de Educação Física, os símbolos Adinkra, associados aos Jogos e Brincadeiras. Os símbolos Adinkra são um conjunto de símbolos africanos pertencentes ao povo Ashanti. Esses ideogramas expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. A partir das reflexões supracitadas tornou-se possível elaborar as

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar

Bairro: ZONA RURAL

CEP: 23.897-000

UF: RJ

Município: SEROPEDICA

Telefone: (21)2681-4749

E-mail: eticacep@ufrj.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 7.701.812

seguintes questões norteadoras do estudo: É possível trabalhar a Educação Étnico-racial com jogos e/ou brincadeiras didático pedagógicas utilizando os símbolos Adinkra? Os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros associados aos símbolos Adinkra podem contribuir para o letramento racial de adolescentes?

A proponente indica como equipe de pesquisa e assistente Valeria Nascimento Lebeis Pires.

A proponente indica como equipe de pesquisa e assistente Valeria Nascimento Lebeis Pires.

Trata-se de uma investigação do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (PROEF), na qual se adotará uma abordagem qualitativa, em forma de pesquisa-ação. Serão 50 participantes estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental, sendo 25 da turma 6ª e 25 da turma 6B da Escola Municipal Andrade Figueira, de rede Municipal da Prefeitura de Paraíba do Sul-RJ. Esta escola se encontra localizada na região do centro-sul fluminense, que compõe a região turística do Vale do Café e faz parte do roteiro da estrada real com o caminho novo, rota alternativa ao Caminho do Ouro. Para a coleta de dados serão utilizados dois questionários, sendo um a fim de obter as características sociodemográficas do grupo amostral, com perguntas relacionadas aos aspectos sociais, culturais e história de vida que dialoguem com os objetivos previamente estabelecidos neste projeto, com 10 questões, sendo 6 questões fechadas, 2 questões mistas e 2 questões abertas; o segundo pretende verificar as percepções dos estudantes acerca da intervenção sociopedagógica, o questionário contém 9 questões, sendo 3 questões fechadas e 6 mistas. Ambos questionários se encontram no projeto de pesquisa anexado ao processo. Ao longo da intervenção serão feitos registros em um diário de campo, onde serão relatadas as vivências proporcionadas à turma, assim como as suas reações às atividades propostas. Serão coletados pela professora-pesquisadora imagens e áudios importantes para auxiliar na interpretação do comportamento e percepção dos estudantes. Para a coleta de dados será feita uma reunião com os responsáveis dos estudantes selecionados com objetivo de apresentar a pesquisa, esclarecer possíveis dúvidas, assim como convidá-los a autorizar a participação dos estudantes. A turma selecionada será acessada por conveniência considerando o contato direto com a professora pesquisadora. Serão realizados 4 encontros na unidade de ensino, com a duração de 1h40min cada. O tema da unidade de didática será os símbolos Adinkra e os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros. Em cada encontro será trabalhado o símbolo Adinkra relacionando-o aos Valores Civilizatórios por meio das práticas corporais. Os símbolos Adinkra selecionados acompanham provérbios

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar
Bairro: ZONA RURAL **CEP:** 23.897-000
UF: RJ **Município:** SEROPEDICA
Telefone: (21)2681-4749

E-mail: eticacep@ufrrj.br

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)



Continuação do Parecer: 7.701.812

africanos que dialogam com os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros em sua essência.

Metodologia de análise:

A análise qualitativa dos dados será realizada em 3 etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento inferência e interpretação, conforme análise de conteúdos proposta por Bardin (2011). As respostas dos questionários utilizados, sociodemográfico e de verificação da percepção dos estudantes acerca da proposta, serão categorizadas em favor de viabilizar o entendimento das respostas e a síntese dessa análise. Segundo Bardin (2011, p.15), a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Os dados coletados serão analisados a partir da organização proposta pela autora supracitada. Na primeira etapa, a Pré-análise, quando iremos compor o corpus da pesquisa, identificando quais dados seriam relevantes. Após será iniciada a Exploração do Material, nessa etapa iremos codificar e categorizar os dados obtidos. As categorias serão apresentadas à priori, considerando unidades de contexto relacionadas à proposta de intervenção, conhecimento construído acerca dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros e Símbolos Adinkra, somado a isso as percepções sobre vínculos e pertencimento. Na etapa de Tratamento, Inferência e Interpretação, buscaremos como os dados coletados se relacionam com os objetivos da pesquisa.

Desfecho primário:

A pesquisadora acredita que a proposta de intervenção sociopedagógica constitui uma possibilidade de ensino das Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar, que pode levar os estudantes a uma melhor compreensão do seu papel social, pautado nos Valores Civilizatórios Afrobrasileiros relacionados aos símbolos Adinkra.

Crítérios de inclusão:

Estudantes com matrícula ativa no 6º ano do ensino fundamental II, estudantes como o consentimento livre e esclarecido dos pais/responsáveis assinado, bem como o termo de assentimento também assinado.

Crítérios de exclusão:

Estudantes que não concluírem 50% de participação nos encontros de aplicação da pesquisa,

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar

Bairro: ZONA RURAL

CEP: 23.897-000

UF: RJ

Município: SEROPEDICA

Telefone: (21)2681-4749

E-mail: eticacep@ufrj.br

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)



Continuação do Parecer: 7.701.812

assim como aqueles que não concluírem o preenchimento dos questionários.

Objetivo da Pesquisa:

O(A) proponente descreve como objetivos:

Objetivo geral/primário:

Propor uma intervenção sociopedagógica para a Educação Física Escolar (EFE), relacionando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, os símbolos Adinkra e a Educação para as Relações Étnico-raciais

Objetivos específicos/secundários:

Promover o letramento racial de estudantes propiciando vivências da cultura afro-brasileira, por meio dos símbolos Adinkra, bem como valorizar e gerar pertencimento aos mesmos; Propiciar diálogos e reflexões sobre os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros identificados nas aulas de Educação Física Escolar; Construir coletivamente o jogo educativo relacionando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros com os símbolos Adinkra, a partir dos conhecimentos trabalhados em aula; Verificar a percepção dos estudantes acerca da representatividade e do pertencimento étnico-racial ao longo dos encontros.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O(A) proponente descreve:

Riscos:

Em pesquisas dessa natureza, os riscos previsíveis estão relacionados a possíveis desconfortos e/ou situações de vergonha durante o desenvolvimento das práticas corporais ou nos momentos de registro das atividades desenvolvidas. Durante as práticas corporais, os estudantes estarão acompanhados cuidadosamente em favor de evitar ou minimizar possíveis riscos de natureza físico-motora. Contudo, caso ocorra alguma intercorrência, será prestado o devido pronto-atendimento, com o encaminhamento do estudante a unidade médica mais próxima à escola. O estudante será acompanhado presencialmente, via contato telefônico, e-mail e/ou Whatsapp. O estudante tem plena liberdade para desistir da participação durante qualquer momento da pesquisa, sem nenhum ônus, sem nenhuma obrigatoriedade de explicar o motivo pelo qual deseja não mais participar. Em caso de desistência, a criança poderá

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar

Bairro: ZONA RURAL

CEP: 23.897-000

UF: RJ

Município: SEROPEDICA

Telefone: (21)2681-4749

E-mail: eticacep@ufrj.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 7.701.812

continuar participando das aulas, porém não terá sua participação documentada na pesquisa pela professora-pesquisadora.

Benefícios:

Entendemos que essa pesquisa pode contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a Educação Física Escolar juntamente com a Educação para as Relações Étnico-Raciais contribuindo para a Valorização da Cultura Afro-brasileira. Os estudantes participantes terão a oportunidade de vivenciar práticas corporais baseadas na ERER que buscam colaborar para o letramento racial dos mesmos para que assim eles possam reconhecer sua identidade e/ou pertencimento étnico-racial.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um protocolo de pesquisa original que possui os elementos necessários à apreciação ética.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos apresentados no protocolo de pesquisa pelo(a) proponente não possuem pendência, segundo as resoluções do sistema CEP/CONEP e normas vigentes.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador acompanhe a tramitação do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil com regularidade, atentando-se às diferentes fases do processo e seus prazos:

- a) quando da pendência, o pesquisador terá até 30 dias para responder às demandas e relatoria;
- b) quando da aprovação, o pesquisador deverá submeter relatórios parciais a cada semestre;
- c) quando da necessidade de emendas ou notificações no projeto, consultar a Norma Operacional 001/2013 - Procedimentos para Submissão e Tramitação de Projetos.
- d) quando da finalização do projeto, submeter relatório final.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A adequação às RESOLUÇÕES Nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e Nº 510 de 24 de maio de 2016 foi plenamente atendida pelo(a) pesquisador(a).

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar
Bairro: ZONA RURAL **CEP:** 23.897-000
UF: RJ **Município:** SEROPEDICA
Telefone: (21)2681-4749

E-mail: eticacep@ufrrj.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 7.701.812

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2572978.pdf	03/06/2025 14:44:45		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Anne_Nunes.docx	03/06/2025 14:43:10	ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoA.pdf	03/06/2025 14:29:19	ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoUsodeimagem.docx	02/06/2025 22:45:12	ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	02/06/2025 22:44:47	ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	02/06/2025 22:44:19	ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI.pdf	02/06/2025 22:43:32	ANNE CRISTINA OLIVEIRA NUNES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SEROPEDICA, 10 de Julho de 2025

Assinado por:
Maria do Rosário da Silva Rôxo
(Coordenador(a))

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar

Bairro: ZONA RURAL

CEP: 23.897-000

UF: RJ

Município: SEROPEDICA

Telefone: (21)2681-4749

E-mail: eticacep@ufrrj.br

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL - PROEF
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Para pais ou responsáveis por menores de 18 anos - Esclarecimentos

Caros responsáveis, este é um convite para você autorizar a participação de seu filho (a) em uma pesquisa que será realizada na Escola Municipal Andrade Figueira durante as aulas de Educação Física com o título “Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar: Possibilidades de Ensino”, que tem como pesquisadora responsável: Anne Cristina Oliveira Nunes sob a orientação da Prof. Dra. Valéria Nascimento Lebeis Pires, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA: Esta pesquisa tem como objetivo propor uma intervenção sociopedagógica para a Educação Física Escolar (EFE), relacionando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, os símbolos Adinkra e a Educação Étnico-racial, será realizada como requisito parcial para a conclusão do curso de Mestrado da professora-pesquisadora. Os participantes da pesquisa serão crianças do 6º ano do Ensino Fundamental - Anos Finais.

Seu filho está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa pois é aluno do 6º ano do Ensino Fundamental - Anos Finais, na Escola Municipal Andrade Figueira. A contribuição do seu filho (a) é muito importante e deve ser de forma livre e consentida. Por favor, fique à vontade para, a qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, solicitar mais esclarecimentos, recusar-se ou desistir da participação do seu filho (a) sem ser prejudicado, penalizado ou responsabilizado de alguma forma. Antes de aceitar participação no estudo, é importante que entenda os procedimentos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos envolvidos nesta pesquisa.

INFORMAÇÕES QUE VOCÊ PRECISA SABER:

- **De que forma seu filho (a) vai participar desta pesquisa:** a participação acontecerá durante as aulas de Educação Física, entre os meses de agosto e setembro de 2025. As aulas serão registradas através de vídeos e/ou fotos, as produções das crianças durante as aulas e os momentos de roda de conversa serão registradas no diário de campo do pesquisador.
- **Riscos previsíveis em participar da pesquisa:** em pesquisas dessa natureza, os riscos previsíveis estão relacionados a possíveis desconfortos e/ou situações de vergonha durante o desenvolvimento das práticas corporais ou nos momentos de registro das atividades desenvolvidas. Contudo, a criança tem plena liberdade para desistir da participação durante qualquer momento da pesquisa, sem nenhum ônus, sem nenhuma obrigatoriedade de explicar o motivo pelo qual deseja não mais participar. Em caso de desistência, a criança poderá continuar participando das aulas, porém não terá sua participação documentada pela professora-pesquisadora. Vale destacar que, havendo necessidade, poderão ser encaminhados para serviços de saúde especializados com assistência por parte da equipe responsável pela pesquisa. Tendo acompanhamento semanal via contato telefônico, e-mail e/ou Whatsapp para verificação das condições de saúde física e mental dos(as) estudantes.

Ass. do Responsável: _____

Ass. da Professora-pesquisadora: _____

- **Benefícios em participar da pesquisa:** entendemos que essa pesquisa pode contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a Educação Física Escolar juntamente com a Educação para as Relações Étnico-Raciais contribuindo para a Valorização da Cultura Afro-brasileira. Os(as) estudantes participantes terão a oportunidade de vivenciar práticas corporais baseadas na EREER que buscam colaborar para o letramento racial dos mesmos, para que assim eles possam reconhecer sua identidade e/ou pertencimento étnico-racial.
- **Custos envolvidos pela participação da pesquisa:** não haverá custos aos participantes, e nem compensação financeira pela participação na pesquisa.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, situada na BR 465, km 7, Seropédica, Rio de Janeiro, pelo telefone (21) 2681-4749 de segunda a sexta, das 09:00 às 16:00h, pelo e-mail: eticacep@ufrj.br ou pessoalmente às terças e quintas das 09:00 às 16:00h.

Caso você concorde com esta pesquisa e aceite que seu filho possa participar dela, deverá rubricar todas as páginas deste Termo e assinar a última página, nas duas vias. Eu, a pesquisadora responsável, também rubricarei todas as páginas e assinarei a última página. Uma das vias ficará com você para consultar sempre que necessário.

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo que meu filho(a) participe deste estudo como voluntário(a). Fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, li, ou foram lidos para mim, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios da participação e esclareci todas as minhas dúvidas. Sei que posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo o uso dos dados de pesquisa sem que a minha identidade seja divulgada. Recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Paraíba do Sul, ____ de _____ de 2025

Nome do(a) participante: _____

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL – ProEF

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Caro estudante, este é um convite para você participar de uma pesquisa que será realizada na sua escola, com o título: “Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar: Possibilidades de Ensino”. Essa pesquisa tem como pesquisadora responsável: Anne Cristina Oliveira Nunes, sob orientação da Professora Dra. Valéria Nascimento Lebeis Pires, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A pesquisa será realizada por meio de atividades práticas de educação física escolar, rodas de conversa e desenhos produzidos por vocês, durante as suas aulas de Educação Física do 3º bimestre. Informamos que a sua participação está associada à autorização de seu responsável através de formulário próprio. Abaixo relacionamos algumas informações para seu conhecimento antes de sua assinatura.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Objetivos: Esta pesquisa tem como objetivo propor uma intervenção sociopedagógica para a Educação Física Escolar (EFE), relacionando os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, os símbolos Adinkra e a Educação Étnico-racial

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa: Entendemos que essa pesquisa pode contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a Educação Física Escolar juntamente com a Educação para as Relações Étnico-Raciais contribuindo para a Valorização da Cultura Afro-brasileira. Os(as) estudantes participantes terão a oportunidade de vivenciar práticas corporais baseadas na EREER que buscam colaborar para o letramento racial dos mesmos para que assim eles possam reconhecer sua identidade e/ou pertencimento étnico-racial.

Procedimentos da pesquisa: A professora-pesquisadora vai utilizar um diário de campo para anotações das observações das aulas e atividades realizadas, aparelho de celular para registros fotográficos dos(as) estudantes durante as atividades. Na pesquisa também terão momentos de rodas de conversas e questionários, além da produção de desenhos e jogos sobre essas mesmas atividades. Todos esses registros (anotações, fotos e desenhos) serão analisados pelos professores-pesquisadores, que se comprometem a mostrar todo o conteúdo produzido para todos os alunos e para a equipe da escola. Todas essas informações obtidas, só serão utilizadas no meio acadêmico e científico dos professores-pesquisadores. Todos os(as) estudantes terão seus nomes mantidos em sigilo para que ninguém seja identificado, ou seja, todos poderão falar e desenhar sem se preocuparem com nenhum tipo de consequência. Os responsáveis dos(as) estudantes terão acesso a todos os dados referentes à participação na pesquisa, incluindo o relatório final. Todas essas informações ficarão guardadas em lugar seguro e de acesso restrito na UFRRJ.

Período de participação: O período de participação na pesquisa será de 4 encontros durante as atividades regulares de Educação Física das crianças participantes, entre os meses de agosto e setembro. **Riscos inerentes à participação na pesquisa:** Em pesquisas dessa natureza, os riscos previsíveis estão relacionados a possíveis desconfortos e/ou situações de vergonha durante o desenvolvimento das práticas corporais ou nos momentos de registro das atividades desenvolvidas. Contudo, a criança tem plena liberdade para desistir da participação durante qualquer momento da pesquisa, sem nenhum ônus, sem nenhuma obrigatoriedade de explicar o motivo pelo qual deseja não mais participar. Em caso de desistência, a criança poderá continuar participando das aulas, porém não terá sua participação documentada pela professora-pesquisadora. Vale destacar que, havendo necessidade, poderão ser encaminhados para serviços de saúde especializados com assistência por parte da equipe responsável pela pesquisa. Tendo acompanhamento semanal via contato telefônico, e-mail e/ou Whatsapp para verificação das condições de saúde física e mental dos(as) estudantes.

Custos e remuneração: Não haverá custos aos participantes e nem recebimento de valores pela participação na pesquisa.

Ass. do Responsável: _____

Ass. da Professora-pesquisadora: _____

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Eu _____ aceito participar voluntariamente da pesquisa “Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar: Possibilidades de Ensino”. Entendi os aspectos positivos e negativos que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar da pesquisa, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não”, e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim. Os professores-pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento. A outra via ficará com o professor-pesquisador responsável. Li o documento e concordo em participar da pesquisa.

Paraíba do Sul, ____ de _____ de 2025.

ACEITA O CONVITE PARA PARTICIPAR DA PESQUISA?

() SIM

() NÃO

Assinatura do menor participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE E**Questionário 1 - Sociodemográfico**

Nome
completo: _____
Idade: _____ Em _____ que _____ bairro _____ você _____ mora?

1. Você se identifica como:

☐ Menino ☐ Menina ☐ Não quero responder

2. Como você descreve a sua cor/raça?

☐ Branco(a) ☐ Preto(a) ☐ Pardo(a) ☐ Indígena ☐ Amarelo(a)
☐ Não sei responder

3. Quantas pessoas moram na sua casa?

☐ 1 a 2 pessoas ☐ 3 a 4 pessoas ☐ 5 a 6 pessoas ☐ Mais de 6 pessoas

4. Com quem você mora? (Pode marcar mais de uma opção)

☐ Com a mãe ☐ Com o pai ☐ Com os dois (mãe e pai) ☐ Com avós/avôs
☐ Com outros familiares. Quais?

5. Como você descreve a cor/raça da sua mãe (ou da mulher responsável por você)?

☐ Branca ☐ Preta ☐ Parda ☐ Indígena ☐ Amarela ☐ Não se responder

6. Como você descreve a cor/raça do seu pai (ou do homem responsável por você)?

☐ Branca ☐ Preta ☐ Parda ☐ Indígena ☐ Amarela ☐ Não sei responder

As próximas questões estão relacionadas a como você percebe suas relações sociais em casa e na escola:

7. Como você avalia o relacionamento com sua casa?

☐ Muito bom – todos se dão bem e se ajudam
☐ Bom – às vezes brigamos, mas nos entendemos
☐ Mais ou menos – temos muitas discussões
☐ Ruim – quase não conversamos
☐ Muito ruim – há muitas brigas e desentendimentos

Gostaria de comentar sobre isso? Escreva por favor:

8. Como você avalia o relacionamento na escola?

- ☐ Muito bom – todos se dão bem e se ajudam
- ☐ Bom – às vezes brigamos, mas nos entendemos
- ☐ Mais ou menos – temos muitas discussões
- ☐ Ruim – quase não conversamos
- ☐ Muito ruim – há muitas brigas e desentendimentos

Gostaria de comentar sobre isso? Escreva por favor:

Sobre reconhecimento étnico-racial**9. Escreva uma pessoa que você admira:** _____

Por que você escolheu essa pessoa?

10. Escreva uma pessoa negra que você admira: _____

Por que você escolheu essa pessoa?

APÊNDICE F**Questionário 2 - Percepções do Estudante**

Nome completo: _____

Idade: _____ Em que bairro você mora? _____

Percepção Geral do estudante

1. Como você descreve a sua cor/raça?

- ☐ Branco(a) ☐ Preto(a) ☐ Pardo(a) ☐ Indígena ☐ Amarelo(a)
☐ Não sei responder

2. Os encontros propostos pela professora fizeram você refletir sobre as questões étnico-raciais?

- ☐ Muito ☐ Mais ou menos ☐ Pouco ☐ Nada

Quais reflexões? Compartilha comigo por favor:

Sobre a Proposta

3. Com qual símbolo Adinkra você mais se identificou?

- ☐ Sankofa ☐ Osram ☐ Nea Onnim No Sua A, Ohu ☐ Odo Nyera Fie Kwan
Por qual motivo?

4. Você já identificou algum dos símbolos Adinkra no seu cotidiano? Qual deles?

- ☐ Sankofa ☐ Osram ☐ Nea Onnim No Sua A, Ohu ☐ Odo Nyera Fie Kwan
Em qual situação?

5. Em qual das aulas você mais identificou as relações étnico-raciais?

- ☐ Sankofa ☐ Osram ☐ Nea Onnim No Sua A, Ohu ☐ Odo Nyera Fie Kwan

6. Identifique 3 Valores Civilizatórios que mais fazem parte das aulas de Educação Física:

- ☐ Ancestralidade ☐ Memória ☐ Oralidade ☐ Circularidade
☐ Religiosidade ☐ Axé (energia vital) ☐ Ludicidade
☐ Musicalidade ☐ Corporeidade
☐ Afetividade ☐ Cooperativismo/Comunitarismo

7. Com qual Valor Civilizatório você mais se identificou?

- ☐ Ancestralidade ☐ Memória ☐ Oralidade ☐ Circularidade
☐ Religiosidade ☐ Axé (energia vital) ☐ Ludicidade ☐ Musicalidade
☐ Corporeidade ☐ Afetividade ☐ Cooperativismo/Comunitarismo

Por qual motivo?

8. Em qual das práticas houve maior acolhimento/interação da turma?

- ☐ Sankofa ☐ Osram ☐ Nea Onnim No Sua A, Ohu
☐ Odo Nyera Fie Kwan

Me conte um momento onde você identificou esse acontecimento:

9. Qual das práticas mais te representa?

- ☐ Sankofa ☐ Osram ☐ Nea Onnim No Sua A, Ohu
☐ Odo Nyera Fie Kwan

Me conte o porquê dessa escolha:

APÊNDICE G

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL- ProEF

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E(OU) VOZ DO(A)
MENOR PARTICIPANTE DA PESQUISA**

Eu, _____ (nome de responsável legal) responsável pelo aluno(a) _____ para fins de direito, autorizo o uso da imagem e/ou voz do(a) menor pela professora Anne Cristina Oliveira Nunes, realizadora da pesquisa intitulada “Relações Étnico-raciais na Educação Física Escolar: Possibilidades de Ensino”. Estou ciente que as imagens e/ou voz poderão ser utilizadas de forma parcial ou total em diferentes meios de publicação e divulgação, tais como em eventos científicos diversos, apresentações audiovisuais, publicações em sites, redes sociais e divulgações comerciais ou não, em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens e áudios resultante da pesquisa, e na Internet e em outras mídias futuras, desde que não se descaracterize seu vínculo com o projeto de pesquisa/extensão. A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso descrito acima e deverá preservar o anonimato do participante. Qualquer outra forma de uso, deve ser por mim autorizada. O pesquisador responsável pela pesquisa, assegurou-me que serei livre para interromper a participação do aluno (a) a qualquer momento e solicitar a posse das imagens já realizadas. Todas as informações ficarão em lugar seguro e de acesso restrito a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Paraíba do Sul, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do(a) responsável

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE H - ENCONTRO SANKOFA



Sankofa
Ancestralidade, Oralidade e Memória

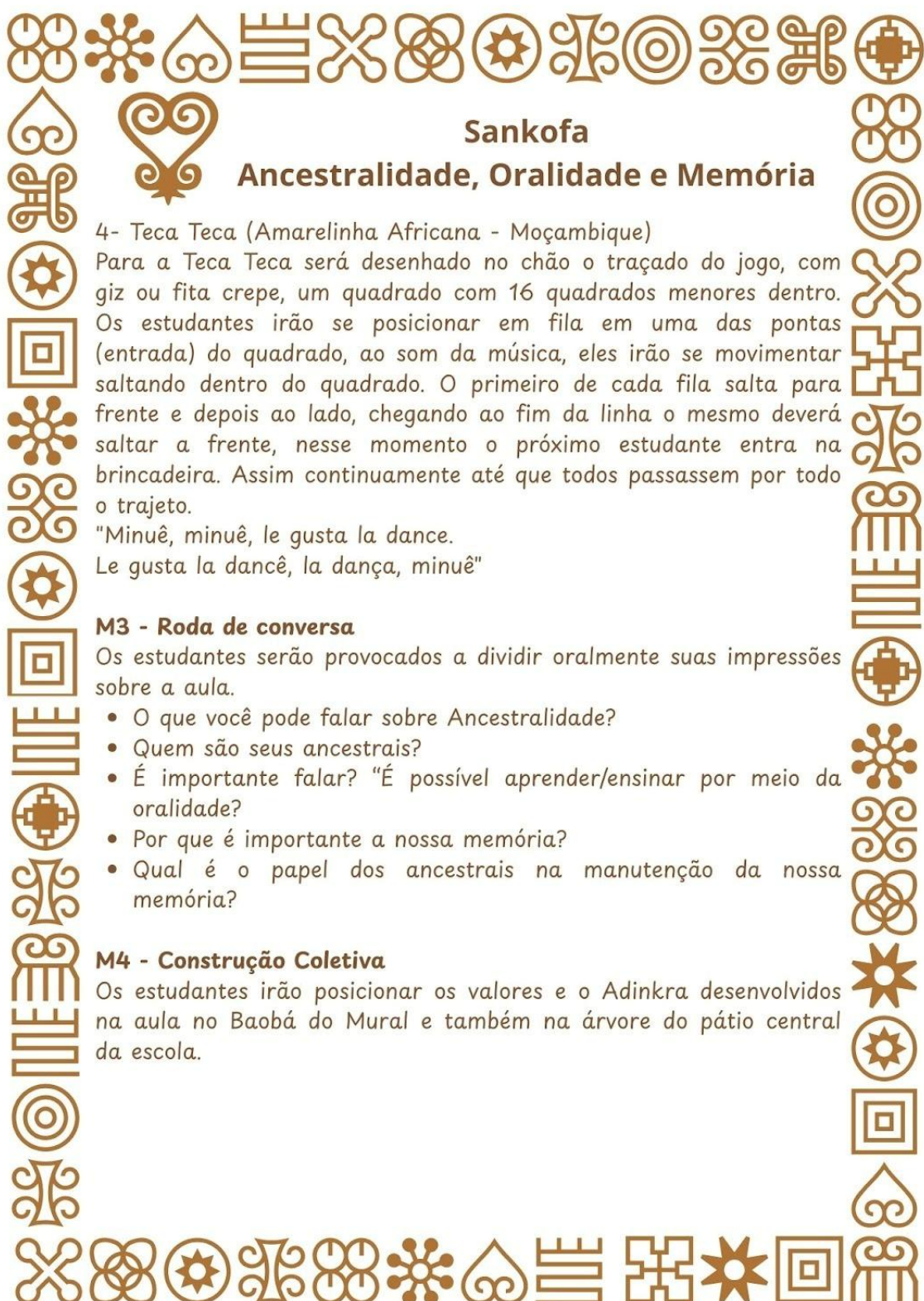
M1 - Apresentação dos Valores e do Adinkra
Itan do Baobá: Explicar sobre os valores e o Adinkra relacionando ao Baobá, pintando a figura da árvore ancestral e registrando quem são os seus ancestrais, aqueles que cuidam, que ensinam, que te passam segurança e com quem eles podem contar e conversar.

M2 - Práticas Corporais

1- Telefone sem fio com provérbios africanos (origem desconhecida)
Os alunos ficaram dispostos em meia lua, um deles irá sair da posição e escolher um provérbio africano na caixinha. O mesmo irá retornar e falar no ouvido de um outro estudante a frase, que será reproduzida por um a um até chegar a outra ponta.

2- Matacuzana (3 Marias - Moçambique)
Cada participante vai começar com uma tampinha na mão. Esta tampinha deve ser arremessada para o alto enquanto o participante retira uma ou mais tampinhas do círculo. Cada uma vale um ponto. A tampinha atirada para o alto deve ser apanhada pelo participante ainda no ar. Se ela cair, não vale os pontos, se a pessoa errar, perde a vez. Ganha quem ao final da rodada conseguir pegar mais tampinhas.

3- Guerreiros Nagô (origem desconhecida)
Dispostos em círculo, cada estudante irá receber tampinhas de plástico que irão posicionar a sua frente. Ao começar a cantar, os estudantes deverão movimentar as tampinhas de acordo com os comandos da música. Posteriormente, os estudantes serão convidados a realizar a mesma dinâmica com o próprio corpo.
"Guerreiros Nagô jogavam caxangá
Tira, bota, deixa o zambelê ficar
Guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá"



Sankofa

Ancestralidade, Oralidade e Memória

4- Teca Teca (Amarelinha Africana - Moçambique)

Para a Teca Teca será desenhado no chão o traçado do jogo, com giz ou fita crepe, um quadrado com 16 quadrados menores dentro. Os estudantes irão se posicionar em fila em uma das pontas (entrada) do quadrado, ao som da música, eles irão se movimentar saltando dentro do quadrado. O primeiro de cada fila salta para frente e depois ao lado, chegando ao fim da linha o mesmo deverá saltar a frente, nesse momento o próximo estudante entra na brincadeira. Assim continuamente até que todos passassem por todo o trajeto.

"Minuê, minuê, le gusta la dance.

Le gusta la dancê, la dança, minuê"

M3 - Roda de conversa

Os estudantes serão provocados a dividir oralmente suas impressões sobre a aula.

- O que você pode falar sobre Ancestralidade?
- Quem são seus ancestrais?
- É importante falar? "É possível aprender/ensinar por meio da oralidade?
- Por que é importante a nossa memória?
- Qual é o papel dos ancestrais na manutenção da nossa memória?

M4 - Construção Coletiva

Os estudantes irão posicionar os valores e o Adinkra desenvolvidos na aula no Baobá do Mural e também na árvore do pátio central da escola.



"Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça continuarão a glorificar o caçador."



Provérbio africano da Nigéria



"Ubuntu: sou o que sou pelo que nós somos"



Provérbio africano



"Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão"



Provérbio africano



"Uma família é como uma floresta: quando você está do lado de fora, é densa; quando está dentro, vê que cada árvore tem seu lugar"



Provérbio africano



APÊNDICE I - ITAN BAOBÁ



Itan do Baobá



Pela lenda, o Baobá foi a primeira árvore que Deus criou...

Ele fez o Baobá e do lado fez um lago.

Deus então criou outras árvores de outras espécies, quando o Baobá olhava este lago, que funcionava como um espelho ele olhava para as outras árvores e perguntava:

- Porque aquela árvore tem as folhas amarelas e eu não tenho?

E Deus respondia:

- Baobá, você foi o primeiro que eu fiz você é o meu mais querido, coloquei em você tudo o que eu tinha de bom, mas depois eu fui me aprimorando.

- Ah, entendi. Mas porque a outra tem flor rosa e eu não tenho -

Perguntou Baobá.

Toda hora Baobá reclamava porque as outras tinham alguma coisa que ele não tinha.

Deus então foi se chateando até que pegou o Baobá e virou ele de cabeça para baixo. E o que ficou para cima foram as raízes e a cabeça do Baobá ficou enterrada.

As pessoas até hoje ficam em baixo da árvore de Baobá na África, elas escutam os conselhos da árvore, pois a boca do Baobá está no chão e eles conseguem conversar com essa árvore, porque ela é a árvore mais antiga e todas as histórias do mundo estão contidas no Baobá.

APÊNDICE J - ENCONTRO OSRAM



Osram
Axé (Energia Vital), Circularidade e
Religiosidade

M1 - Apresentação dos Valores e do Adinkra
Resgatar os conhecimentos da aula anterior
Refazer as perguntas da roda de conversa anterior
Itan do Tambor: Explicar sobre os valores e o Adinkra relacionando ao Tambor;
"O Tambor é como o nosso coração, bate para nos manter vivos",
Nesse momento os estudantes são convidados a fazer silêncio e sentir as batidas do seu coração. Refletir sobre ciclo da vida, caminho do sangue, ciclo dia-noite/lua-sol.
Diferenciar Religiosidade de Religião, compreender que ter fé/acreditar é algo inerente ao ser humano, o conceito não precisa estar ligada a uma doutrina.

M2 - Práticas Corporais
1- Ritmos e batidas: Convidar os alunos a construir diferentes batidas corporais; em seguida, identificar diferentes ritmos da cultura negra;
2- Jongo: Apresentar o Jongo, patrimônio cultural brasileiro, ensinar sobre as músicas e instrumentos, vivenciar os passos (amassa café, mancador e Passo principal e principal com giro).
3- Maculelê: Apresentar. Maculelê, contar a história de resistência do povo negro e também indígena, vivenciar os passos e batidas específicas da dança.

M3 - Roda de conversa
Os estudantes serão provocados a dividir oralmente suas impressões sobre a aula.
O que você pode falar sobre Axé - energia vital?
Diferenciar Religiosidade de Religião?
Como vc entende a circularidade?
O que as batidas do seu coração transmitem para você?

M4 - Construção Coletiva
Os estudantes irão posicionar os valores e o Adinkra desenvolvidos na aula no Baobá do Mural e também na árvore do pátio central da escola.

APÊNDICE K - ITAN DO TAMBOR



Itan do Tamor



A origem dessa lenda vem das terras de Guiné Bissau e explica como surgiram os tambores, instrumentos tão importantes na cultura de toda a África. Conta-se que os macaquinhos de nariz branco da região quiseram um dia trazer a Lua para perto da Terra. Eles não tinham ideia de como executar tal feito. Até que o macaco menor sugeriu que uns subissem nos ombros dos outros a fim de alcançar a Lua. O grupo de macacos colocou o plano em ação e o macaquinho menor foi o último a subir, conseguindo chegar no céu e agarrando-se à Lua.

Mas antes que conseguissem puxar o satélite, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o macaquinho, que continuou agarrado à Lua. Uma amizade então cresceu e a Lua presenteou o pequeno animal com um maravilhoso tambor branco, que ele logo aprendeu a tocar.

O macaquinho ficou por muito tempo morando na Lua, mas um dia começou a sentir saudades da Terra, de seus amigos e da natureza. Ele então pediu à sua amiga que o ajudasse a retornar para sua casa. A Lua ficou chateada e respondeu:

— Mas por que você quer voltar? Não está feliz aqui com o tamborzinho que eu te dei?

O macaco lhe explicou que gostava muito, mas que tinha saudades. A Lua ficou com pena, prometeu ajudá-lo e lhe disse:

— Não toque o tambor enquanto não estiver em terra firme. Toque apenas quando chegar lá embaixo, assim saberei que chegou e poderei cortar a corda. Então você estará liberto. O macaco concordou. Ele sentou em seu tambor e foi amarrado a

uma corda, que começou o processo de descida. Enquanto descia, o macaquinho olhava seu tambor e surgiu uma vontade irresistível de tocá-lo. Ele começou a tocar bem baixinho, para que a Lua não ouvisse. Mas, mesmo assim, a Lua escutou e cortou a corda conforme o combinado. O macaco começou a cair e ao chegar ao chão, não resistiu e morreu. Mas antes, uma menina que passeava por perto viu a queda. Ela foi até o macaco e ele disse:

— Isso é um tambor. Por favor, entregue ao povo de seu país.

A menina pegou o instrumento e correu para entregar às pessoas de sua família, contando o que havia acontecido. Todos adoraram o tambor e começaram a tocá-lo. Desde então, o povo africano produz seus próprios tambores e sempre que possível toca e dança ao som deles.

APÊNDICE L - ENCONTRO NEA ONNIM NO SUA A, OHU



Nea Onnim no Sua A, Ohu
Musicalidade, Corporeidade e Ludicidade

M1 - Apresentação dos Valores e do Adinkra
Resgatar os conhecimentos da aula anterior
Refazer as perguntas da roda de conversa anterior
Itan da Abayomi: Explicar sobre os valores e o Adinkra relacionando a boneca de pano; Contar a história da ativista do Movimento Negro que criou a boneca.

M2 - Práticas Corporais
1- Brincadeira Cantada: Si mama kaa (Tanzânia - Idioma: Suali)
Si mama = ficar parado Kaa = agachar Ruka = pular/saltar
Tembea = andar Kimbia = correr
Percursão Corporal: 4x estalos dos dedos; 1 palma; 2 batidas no peito; 2 batidas na coxa; 2 batidas de pé
2- Capoeira - história da luta de resistência do povo negro, pontos (músicas) que contam as vivências.
3- Capoeira - golpes e roda
Defesa: Cocorinha e negativas
Ataques: Aú, meia-lua, benção, armada, beija-flor....

M3 - Roda de conversa
Os estudantes serão provocados a dividir oralmente suas impressões sobre a aula.
Como você demonstra a sua corporeidade?
Você entende a sua corporeidade como parte da cultura negra?
A musicalidade faz parte da sua vida? Quais são os ritmos ou artistas que você mais ouve? Essas músicas fazem parte de qual cultura?
Por que você se identifica com essa cultura?
Como podemos entender a ludicidade? Você concorda que ela foi uma estratégia dos negros para resistirem ao processo de escravização?

M4 - Construção Coletiva
Os estudantes irão posicionar os valores e o Adinkra desenvolvidos na aula no Baobá do Mural e também na árvore do pátio central da escola.



Itan Abayomi



BONECA ABAYOMI: Abay= encontro omi= precioso

A boneca Abayomi, importante símbolo de resistência negra na cultura brasileira, foi criada pela artesã maranhense Lena Martins no final da década de 80, quando se discutia a marcha pela farsa de 100 anos da abolição e o movimento das mulheres negras passava por um intenso período de produção de conhecimento e crescente visibilidade.

Lena, radicada no Rio de Janeiro e participante deste movimento, era Animadora Cultural do CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) da Cidade de Deus quando, em 1987, criou a boneca negra feita com retalhos de pano, sem cola e sem costura.

No início da década de 90, com a formação da Cooperativa Abayomi, composta por mulheres artistas e educadoras, a boneca (e toda a carga histórico-social que gestou sua criação) começa então a ser difundida com oficinas e vivências realizadas em diversas partes do Brasil.

Muitas histórias são contadas sobre as bonecas Abayomi, parte delas são “fake news”, mais uma tentativa de apagar a nossa produção cultural. As bonecas Abayomi são uma criação da artesã Lena Martins, integrada à cultura popular contemporânea e brasileira, por identificação e reconhecimento de sua força imagética e simbólica.



Foto: Tércio Teixeira - Folhepress

APÊNDICE N - ENCONTRO ODO NYERA FIE KWAN



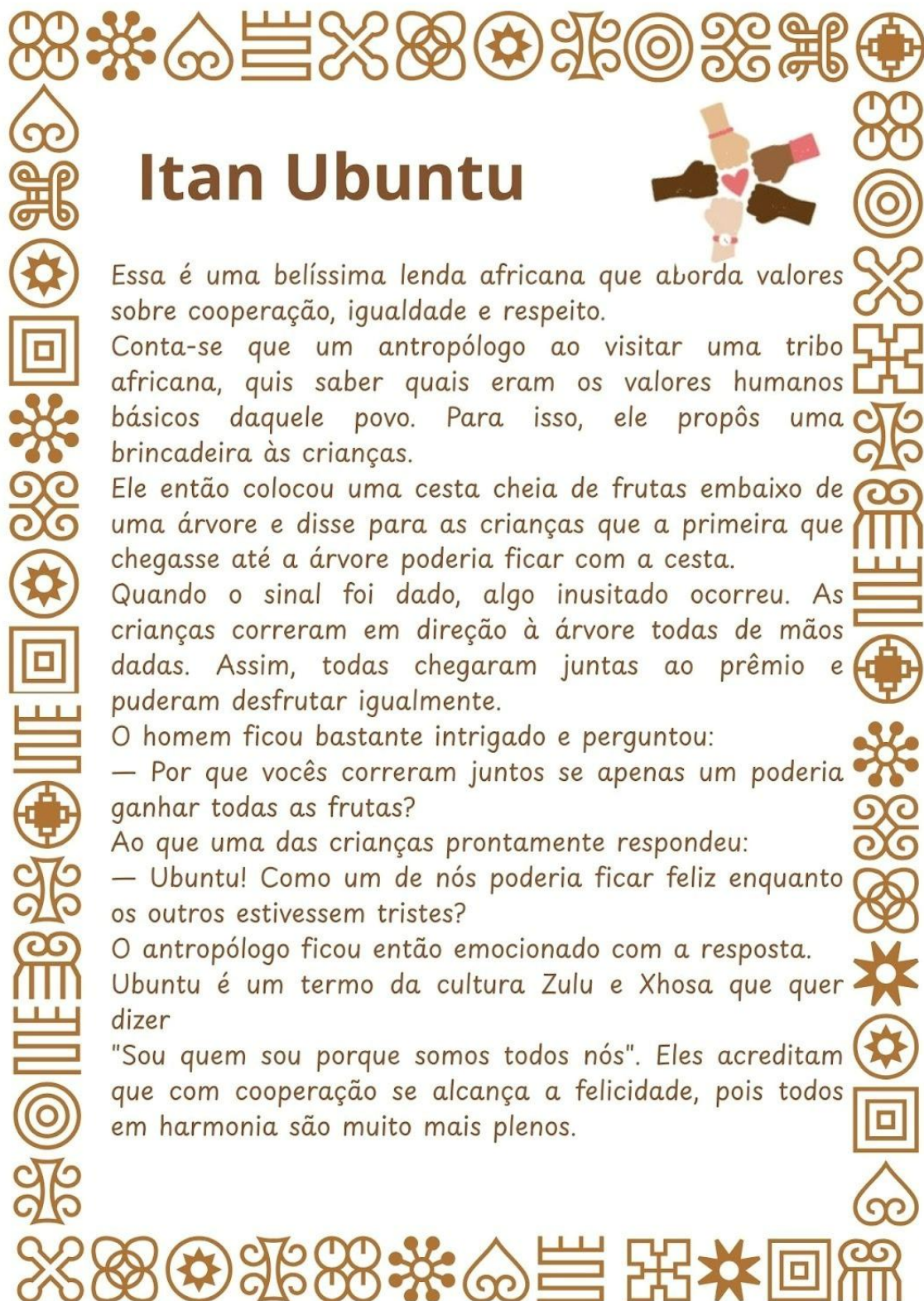
Odo Nyera Fie Kwan
Afetividade, Cooperativismo/Comunitarismo

M1 - Apresentação dos Valores e do Adinkra
Resgatar os conhecimentos da aula anterior
Refazer as perguntas da roda de conversa anterior
Itan UBUNTU: Explicar sobre os valores e o Adinkra; Refletir sobre a importância de nos reconhecermos no outro; Nos conectarmos e fazer parte de um coletivo; Compreender que juntos vamos longe, podemos construir algo.

M2 - Práticas Corporais
Construção do Jogo de Tabuleiro.
Dividir os grupos de trabalho:
1- Tabuleiro; 2- Manual de regras; 3- Dados/Roleta + Casas de ação; 4- Cartas de ação
Construir todos os itens do jogo pensam sobre os encontros vivenciados pelos estudantes, refletindo sobre os Valores e os Adinkra.

M3 - Roda de conversa
Os estudantes serão provocados a dividir oralmente suas impressões sobre a aula.
Como você demonstra a sua afetividade?
Cite situações em que você vive os Valores hoje trabalhados?
Em que situações você percebe o Comunitarismo/cooperativismo?
O que você pensa quando ouve a palavra UBUNTU?
Como você explicaria UBUNTU para outras pessoas?

M4 - Construção Coletiva
Os estudantes irão posicionar os valores e o Adinkra desenvolvidos na aula no Baobá do Mural e também na árvore do pátio central da escola.



Itan Ubuntu

Essa é uma belíssima lenda africana que aborda valores sobre cooperação, igualdade e respeito.

Conta-se que um antropólogo ao visitar uma tribo africana, quis saber quais eram os valores humanos básicos daquele povo. Para isso, ele propôs uma brincadeira às crianças.

Ele então colocou uma cesta cheia de frutas embaixo de uma árvore e disse para as crianças que a primeira que chegasse até a árvore poderia ficar com a cesta.

Quando o sinal foi dado, algo inusitado ocorreu. As crianças correram em direção à árvore todas de mãos dadas. Assim, todas chegaram juntas ao prêmio e puderam desfrutar igualmente.

O homem ficou bastante intrigado e perguntou:

— Por que vocês correram juntos se apenas um poderia ganhar todas as frutas?

Ao que uma das crianças prontamente respondeu:

— Ubuntu! Como um de nós poderia ficar feliz enquanto os outros estivessem tristes?

O antropólogo ficou então emocionado com a resposta.

Ubuntu é um termo da cultura Zulu e Xhosa que quer dizer

"Sou quem sou porque somos todos nós". Eles acreditam que com cooperação se alcança a felicidade, pois todos em harmonia são muito mais plenos.